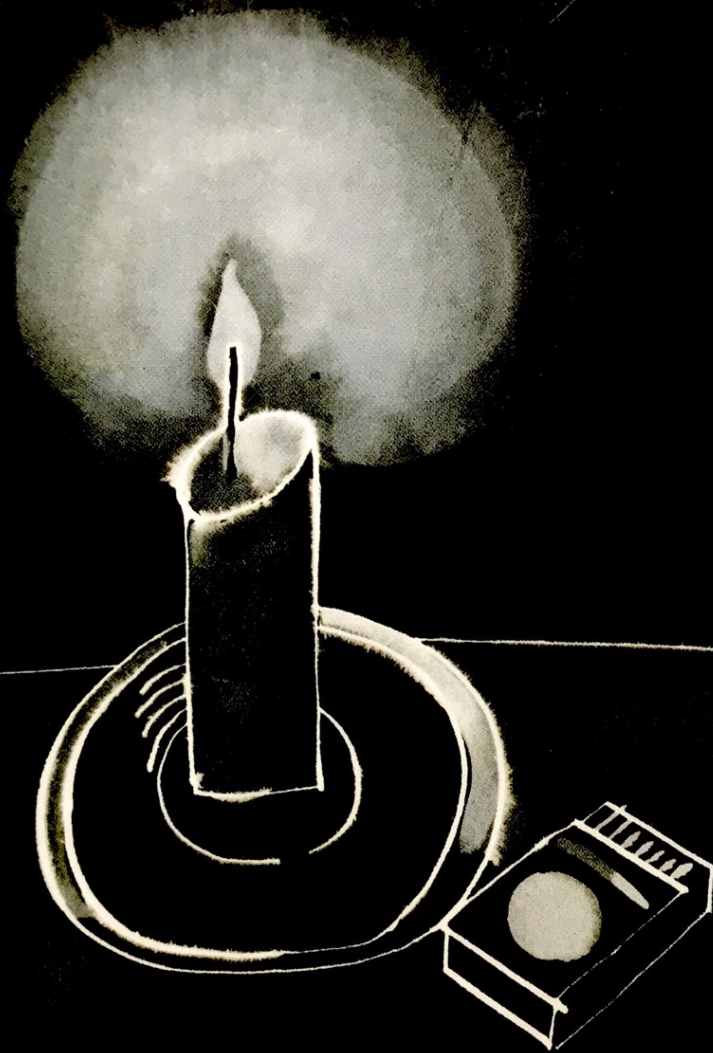


UM AMIGO NO ESCURO

MARCIA KUPSTAS



ESCURO
NO: 834

≡≡≡ Moderna



Marcia Kupstas

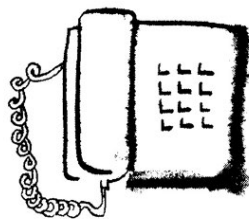
Um amigo no escuro

2ª EDIÇÃO

19ª impressão



Moderna

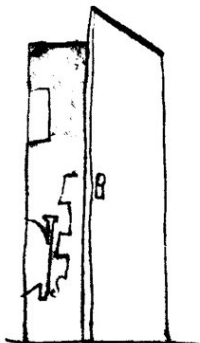


Epígrafe

A amizade é o melhor pretexto até hoje inventado para que o indivíduo pretenda tomar parte na felicidade do outro.

Machado de Assis

SUMÁRIO



Blecaute	8
O índio do Colombo	23
O gosto do terror	34
Jogo limpo	43
O segredo	62
Tânia	72



Blecaute

— Alô?

— Você quer ser meu amigo? (*Pausa.*) Olha, eu sei que parece uma coisa meio maluca, meio maluca sim, ligar de noite e você também não sabe quem eu sou. Mas... eu tô aqui sem fazer nada. E tá escuro, tá escuro à beça. A gente não pode ver tevê, nem revista, nem nada. Aí eu peguei o telefone e liguei. (*Pausa rápida.*) Meu nome é Luciana. Minha irmã já tá dormindo, ela dorme cedo, antes das nove, e a gente tem extensão aqui no quarto. É uma droga, né, uma droga faltar luz, parece que metade da cidade está sem luz. Agora aqui parou de chover, porque, enquanto chovia, a peste da Nininha só ficava chorando... e aí eu fiquei com uma vontade de conversar, falar com alguém e eu fui pensando nos números, em números bonitos, que me dão sorte, fui assim me concentrando e fui discando e deu o seu... Você quer ser meu amigo?

— Eu não estou entendendo... Você me conhece?

— Não, claro que não! (*Riso nervoso.*) Acho que você não entendeu ainda, não é? Eu só liguei. Pra bater papo. Hoje foi um dia tão louco, choveu tanto e aí falta luz...

— Então você discou ao acaso. Para encontrar um amigo?... Lu...

— Luciana. Meu nome é Luciana.

— Quantos anos você tem, Luciana?

— Eu tenho de dizer? (*Pausa, riso nervoso.*) Só se você disser também.

— Calma, eu não quero criar um caso com você, não precisa falar... Eu só achei, bom, que você é novinha. Acertei?

— Talvez.

— E você quer um amigo... Mas você não tem amigos, Luciana? Você fala tão bem, parece ser tão desembaraçada...

— Fala a verdade, eu pareço uma papagaia, falo pra burro. Minha mãe é que não agüenta, vive dizendo que eu fui vacinada com agulha de vitrola. (*Risos do outro lado da linha. Luciana fala mais e mais depressa.*) Eu sou faladeira mesmo. Sabe, até que eu gosto. Pior é aquele tipo de gente que parece coruja, arregala o olho e fica caladão. Credo! Acho que eu morreria se tivesse de passar um dia inteiro quieta, caladona...

— Luciana, Luciana... você pode ser faladeira e isso pode ser muito bom. Divertido. Mas eu fiz uma pergunta.



— Sobre o quê? Amigos?

— Hum-hum.

(Pausa. Luciana dá uma tossidinha, suspira; ganha tempo.)

— Eu tenho amigos, claro... A Deise, a Luísa, a Clarita... Eu até tava falando com a Clarita no telefone quando

começou a chover... Escuta, posso contar uma coisa? Assim, quase um segredo? Você jura que continua falando comigo depois?

— Juro.

— Jura mesmo, de verdade?

— Claro. De verdade.

— Acho que você tá é se divertindo com a minha cara, mas vai... Vou confiar em você. É a roleta-russa.

— Roleta-russa? Com revólver?...

— Nãããããão, que revólver, que nada! A gente faz roleta-russa de telefone. Deixa explicar: eu tenho minha turma, as minhas amigas. Um dia a Clarita apareceu com a idéia; acho que uns primos dela é que faziam isso, em Curitiba. Ela voltou de férias de lá e veio com a idéia. É assim: a gente arrisca um telefone. Qualquer número. E vai falando. Pode ser velho, homem, mulher, gente da nossa idade, sei lá. Vale tudo. Vai falando. Foi a Clarita que deu

a idéia de começar com “Você quer ser meu amigo?”. Ela diz que assim desarma as pessoas. E vai falando.

— Mas falando o quê? Parece uma idéia meio esquisita...

— Você nunca passou trote na sua vida?

— Trote? Não lembro... Talvez. Trote é meio indelicado, não acha?

— “Meio indelicado”? (*Luciana repete a frase, exagerando.*) De onde você é? “Indelicado”... Trote é baixaria, claro que é baixaria. Mas a gente não faz o trote assim pesado, com palavrão nem nada. Tem aquele que liga e pergunta: “É do açougue?”, o cara responde que não. Aí o outro fala: “É que eu vi uma vaca entrando na sua casa e pensei que era”. Sabe, coisa assim. É bobeira, pára de rir. Que coisa! Eu já falei. Não vou fazer trote, não esse tipo de trote com você...

— Está bem, eu paro de rir. (*Ainda ri, discretamente.*) Mas o que você vai fazer comigo, Luciana? Hem? Esse... essa sua roleta-russa de telefone. Aonde vai dar isso?

— É o que eu tô explicando. A Clarita que arrumou a brincadeira. Não é trote, é mais legal. A gente acha um número ao acaso, liga, fica falando, falando... Aí depende.

— Depende do quê?

— De quem a gente “pegou”. Às vezes, a gente faz a roleta-russa com duas, três pessoas ouvindo. A Clarita é a mais legal pra inventar coisas. Ela pegou uma velha e falou que era freira. Que ia abandonar a igreja, que estava

apaixonada. Até disse o nome do cara. A velha ficou zangada! Até chamou a Clarita de pecadora. E sabe o que a Clarita tava contando? A história de uma novela mexicana, de tevê! Uma história idiota. E a velha nem se tocou, passou a maior moral... achou que era verdade.

— Luciana, Luciana... quer dizer que vocês acham um número, discam, inventam um monte de coisa. E comigo, Luciana? E agora? O que você está inventando, “dona” Luciana, se é que seu nome é mesmo Luciana e se é que você está sozinha... (*Fala mais alto.*) E aííí, Clarita! Tudo bem? Você está na extensão?

— Não, não tá. Eu já falei que tô sozinha.

— Podia estar mentindo.

— Eu falei que ia contar um segredo, não falei? E você jurou que ia continuar falando comigo, não foi?

— Claro... Mas não é uma brincadeira? Ei, por que você está com essa voz? O que foi?

— Você não tá acreditando em mim.

— Luciana, vê bem: é esquisito receber um telefonema anônimo, com essa história de ser amigo de alguém, de que você está sozinha, de que está no escuro...

— Mas tá escuro mesmo! É o blecaute. Você não viu? Caiu o céu agora de tarde. Uma chuva do cão. E pimba! Metade de São Paulo tá sem luz. E eu tô sozinha mesmo. Quer dizer, tô sozinha porque eu quero. Meus pais estão lá na sala, e já foi a maior cena, sabe. Desde as seis que a mamãe tá quicando nos cascos.

— “Quicando nos cascos”?

— É, toda nervosinha... Ela gastou quarenta minutos pra buscar a Nininha da escola, e é aqui pertinho... Aí teve o banho. Um calorão, mas ninguém queria encarar banho frio. E liga pra Emergência, ninguém diz que hora volta a força. A Nininha chorando, tinha medo de trovão. A empregada ainda esquentou a água pra ela tomar banho... Eu, hem? Preferi esperar. Aí ficou a família inteira na sala, janela aberta, vendo se a luz voltava, ou então aproveitava o finzinho de claridade lá de fora... E a empregada descobre que tá sem vela. Aí eu fui comprar, a rua inteira cheia de vizinho, todo mundo reclamando... A dona Matilde tava uma fera, parece que era o último capítulo de um novelão de que ela gosta... Aí chegou papai. Chegou uma pilha, também atrasado... Começou a mudar tudo quanto era vela de lugar, achou escuro... Eu acabei indo tomar banho frio, mas só lavei a cara e dei uma geral no corpo, rapidinho... Aí mamãe conseguiu telefonar pra Eletropaulo. Bom, falaram que a luz só vinha depois das dez. E foi um tal de esquentar janta e jantar à luz de velas e tomar banho de caneca, com água quente do fogão, ah, sei lá. Me enchi. Todo mundo nervoso... Ninguém fala com ninguém, só dá bronca. Quando mamãe veio botar a Nininha na cama, eu também subi pro quarto. Aí resolvi telefonar.

— Para mim. Por acaso. Por acaso, por causa do blecaute.

— É.

— E para quê?

— Como, pra quê? Pra achar amigos. Pra passar o tempo. Pra trocar idéias, bater papo. Até namorar, sabe? A Nair fez uma roleta-russa e achou um cara superlegal, eles falaram umas três horas, direto. Aí ele combinou de conhecer a Nair, e o cara apareceu na escola, foi um barato! Era bonitinho, um cara loiro, cabeludo... A única coisa chata era que ele morava em Embu. Quando veio a conta do telefone, a mãe da Nair queria comer ela viva.

(Risos. Luciana também se contagia, começa a rir.)

— Ah, Luciana... parece que a sua roleta-russa pode ser bem interessante... E você, já arrumou algum namorado pelo telefone?... Ei! Quem sabe... Você está querendo me namorar, será?

— Não, a roleta-russa é pra arrumar amigo, amiga... fazer brincadeira.

— Diz a verdade... No fundo, no fundo, você deve ter a esperança de encontrar o príncipe encantado.

— Não! Não é assim... assim que funciona a roleta-russa. *(Luciana tapa o rosto com o cabelo comprido, morde a ponta do cabelo.)* Tem de conversar, ser legal... A Nair teve foi sorte. Porque a gente pega aí cada cara mala.

— “Mala”?

— É, cara chato, bobo. E velho. Eu dou um azar com velho! Peguei uma vez um cara tão surdo que pensou o tempo todo estar falando com a filha dele.



— E o que você fez?

— Eu fingi que era a filha dele, né? Mas encheu, bati logo o fone.

— Hum, essa é outra das vantagens da roleta-russa. Interromper quando fica chato. Você é uma garotinha esperta.

— Como você sabe que eu sou uma garotinha? Eu não disse.

— Certo. Você não disse... mas eu não posso adivinhar? Talvez você esteja me subestimando, Luciana... Posso ser um bom detetive auditivo. Isso quer dizer que sigo pistas vocais em vez de manchas de batom ou cinza de cigarro, feito Sherlock Holmes.

— Sherlock Holmes é o detetive, né? Aquele velhão, de cachimbo e boné?...

— Isso mesmo. O pai de todos os detetives, invenção do inglês sir Arthur Conan Doyle, o mestre das deduções. Será que você nunca leu um livro com as aventuras dele?

— Eu não sou de ler não... Sabe que eu não sei o seu nome? Senhor Xis? Xis de Sherlock?

— Infelizmente, “cara” Luciana (ou, como diria o Sherlock, “caro Watson”), Sherlock não é com xis, é com esse-agá. Mas não fica chateada (seja chateada com xis ou

com cê-agá). Me dá uma chance. Vou ver se adivinho umas coisas. Se eu acertar, respondo a todas às suas perguntas. Está bem?

— *Okay.*

— Bom, você não quis dizer a sua idade. Então, de duas, uma: ou você é muito velha, uma senhora... que pode até ser bonita, mas prefere passar por mais jovem...

(Luciana dá risada.)

— Está vendo? Eu disse, de duas, uma. Essa primeira hipótese é tão absurda que você ri. Porque você não é uma senhora coisíssima alguma, Luciana. Então você esconde a idade porque deve ser jovem. Jovem demais. E tem uma irmã, com quem divide o quarto... Chamou a irmã de "peste"... Eu aposto que você estava assim... com uma vida de caçula, ou de filha única, por um tempo longo... Até que nasceu a irmã, perdeu (ou acha que perdeu) alguns privilégios. E você fala que tem amigos, mas só cita amigas... Ora, há uma fase na vida em que a grande aproximação se dá com gente do mesmo sexo; isso acontece no início da adolescência... E você tem tempo ocioso, não deve trabalhar. Bom, tudo isso me aponta para... catorze anos. Acertei?

— Quase. Vou fazer daqui a três meses.

— E quanto ao resto?

— Eu não era filha única. Papai tem um filho de dezenove anos, o Téo. Ele mora em uma república em Campinas. Tá na Unicamp.

— Mas quanto à irmãzinha...

— É, você acertou. A Nininha é a caçula. Agora eu divido o quarto com ela e eu nunca dividi o quarto com ninguém antes. O Téo morava com a mãe dele, a primeira esposa do papai. Eu quase nunca via ele. Tá, tá. Até que você acertou. Eu tinha, sim, vida de filha única.

(Pausa. Luciana dá risada. Anda pelo quarto, acaba se jogando na cama, brinca com o fio do telefone.)

— Tá, Sherlock... Você parece ser bom nessa brincadeira. E agora? Eu posso fazer perguntas?

— Todas as que quiser.

— Idade?

— Vinte e oito.

— Tudo isso?

— Tudo isso.

— E por que você tá falando comigo?

— Como assim?

— Poxa, você é velho... quer dizer, não é que você é veeeeeeeeelho assim, mas... Você devia é bater o fone na minha cara.

— Eu? E por que eu ia cometer uma indelicadeza dessas? Você conversa tão bem, Luciana. Estou adorando conversar com você.

— Por quê?

— Ora, por quê? Você é alegre, original, parece sincera no que está me contando... Pelo menos, não ouvi nenhuma risadinha das suas cúmplices de roleta-russa, não é? Você



devia estar sozinha mesmo, com vontade de falar. Tenho todo o interesse em ouvi-la.

— Ah, um cara de vinte e oito anos deve ter um monte de coisa pra fazer, mesmo com o blecaute. Adulto vive trabalhando.

— Eu trabalho. Mas não “vivo trabalhando” como você falou.

— Você mora sozinho?

— Praticamente.

— Explica melhor.

— Moro num apartamento nos fundos da casa da minha mãe. Tenho aqui as minhas coisas, meus discos, meus livros... Faço traduções, tenho um pequeno fogão; às vezes faço meu próprio chá.

— Topa fazer um jogo rápido?

— Como assim?

— Tipo pergunta de tevê, pingue-pongue. Eu pergunto, você responde. Depressinha, não pode demorar nem falar mais de dez palavras. Tá legal?

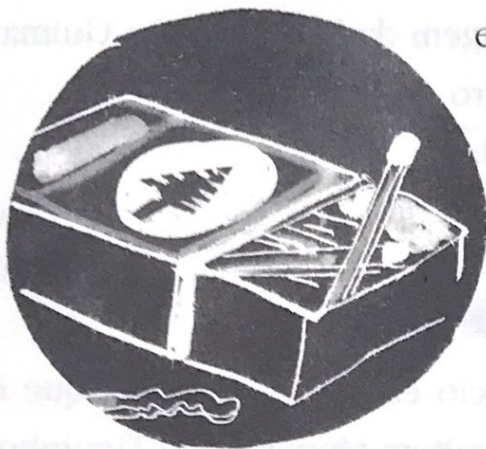
— Depressinha, dez palavras?...

— Tem de ser sincero.

— Ainda isso? Como se pode ser sincero em dez palavras?

- Você vai ver que pode. Quer tentar ou não?
- Está bem.
- Uma cor.
- Todas elas.
- Todas misturadas viram preto. Assim não vale. Tem de escolher.
- Então preto.
- Uma escola.
- Faculdade de Letras da USP. Foi onde eu estudei.
- Não precisa complementar. É só pingue-pongue... tá bom?
- Está.
- O que odeia.
- Disc-jóquei engraçadinho.
- Altura e peso.
- Um metro e setenta e dois, e... acho que sessenta e sete quilos.
- Xuxa ou Luiza Brunet?
- Não sei...
- Vai, rápido! Loira ou morena, boazuda ou magrinha... um modelo de mulher.
- Bem... Morena. Morena de cabelo comprido.
- Praia ou *shopping*?
- Praia.
- Um vício.
- Fumar cigarros.
- Se você fosse um bicho, que bicho ia ser?

- Cavalo.
- Por quê?
- Porque me pareço com um. Sou narigudo.
- Verão ou inverno?
- Serve primavera?
- Não. Tem de escolher.
- Então inverno.
- Casado ou solteiro.
- Solteiro.
- Tem namorada?
- ...
- Vai, responde!
- Tenho.
- É bonita?
- É, acho que é.
- Acha? Não sabe?
- É uma questão de gosto...
- E você gosta dela?
- Gosto.
- Do que você gosta mais nela?
- Agora vai ficar só nesse assunto?
- Vai, responde, depressa... Olha o pingue-pongue.
- O rosto.
- O melhor amigo.
- Uns caras do trabalho.
- Diz o nome.
- Mas, se você não conhece, de que adianta falar?



— Quem faz pergunta sou eu! Você não sabe fazer roleta-russa.

— Então me ensina.

— Eu já falei como é! Roleta-russa tem de dizer o que pensa, o que acha, mas sem enrolar.

— Luciana, você tem mais prática do que eu. Eu nunca tinha feito um jogo como esse.

— Não é só um jogo, né, Sherlock? (*Pausa. Luciana morde o canto dos lábios.*) Você vai ser só Sherlock? Não quer dizer o nome de verdade?

— Por quê? Às vezes você costuma dar nome falso?

— Depende. Depende do papo.

— ... Você é mesmo Luciana?

— Sou. Esse é de verdade. Mas Luciana, inteiro. Odeio quando as amigas resolvem dar uma de preguiçosa e cortam o nome, falam assim mole, Luuuu. (*Ela imita, voz arrastada, entonação fanhosa.*) Luuuciiii... Gosto do nome todo. E o seu?

— É Miguel. (*Pausa. Ele fala com alegria.*) Ei, se quiser, pode me chamar de Miguilim.

— Miguilim? Que gozado! E por quê?

— Faz anos, imensos anos que não me chamam assim. Miguilim é um personagem da literatura. Do Guimarães Rosa. Fica mais brasileiro que Sherlock.

— Mas o Miguel é verdade? Mesmo?

— É mesmo. Mas gostaria que você me chamasse de Miguilim, igual meu pai. Ele adorava o Guimarães Rosa, só me chamava assim.

— Apelido é um negócio esquisito. Tem vez que é uma praga. De criança, o cara tem o apelido de Tiquinho; tá aí um cavalão de duzentos quilos e continuam chamando ele de Tiquinho...

— Se eu fosse um Miguelão e me chamassem de Miguilim, ia ficar estranho. Mas não sou muito alto... Bom, Miguilim não tem nada que ver com tamanho. É mais pelo carinho, pela lembrança.

— O seu pai ainda chama você de Miguilim?

— Meu pai morreu. Há muito tempo. Era só ele que me chamava assim. Ficou... uma lembrança dele. E agora, pronto. Você me chama de Miguilim.

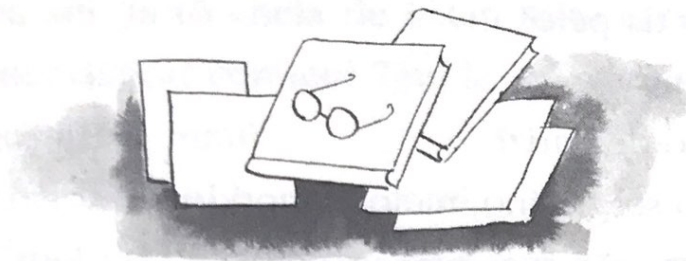
— Nem os amigos nem a namorada te chamam assim?

— Só você. É um presente.

— É bom ganhar presente. Mesmo que pelo telefone. Agora é a sua vez.

— Minha vez do quê?

— De fazer o pingue-pongue comigo.



O índio do Colombo

— Não sei se sou muito bom nessa história de pingue-pongue.

— Tenta, vai. Não custa. Pensa em coisas diferentes, alguma coisa que você ficou curioso de saber...

— O que me assusta é a resposta em dez palavras..

— Por quê?

— Dá para se conhecer alguém com tão pouca informação?

— Já começou o pingue-pongue. Você tá perdendo pontos. Vamos, vamos...

— Tipo de rosto?

— De quem, pô?

— O seu, claro.

— Um... rosto meio redondo.

— Cor dos olhos?

— Castanhos.

— Os cabelos?

— Castanhos, mais ou menos compridos.

— Cor da pele?

— Branca.

— Tipo de nariz?

— Não sei... Fino, meio comprido.

— Como são suas mãos?

— Mas você só vai perguntar do corpo, não quer saber o que eu penso, o que eu acho da vida? Se é pra paquerar, ah... Olha, se é pra descobrir se vale a pena conversar comigo porque eu sou bonita, eu... Tá bom, eu não sou bonita. Tá contente? Era isso que você queria saber e não tinha coragem de perguntar antes? Alguma coisa do tipo "Se é pra agüentar uma pivetinha, então pelo menos que ela seja um avião"? (*Ela imita uma voz pedante.*) Você tá achando uma droga falar com adolescente?

— Luciana! Desculpa. Eu só queria imaginar como você é. Nem me passou pela cabeça querer... saber se você é bonita ou feia. Meu Deus! Imagina! Imagina se eu ia conversar com alguém só por causa da aparência física. Você me parece tão interessante...

(*Pausa. Quando Luciana fala, a voz vem baixa, meio rouca. Fala depressa.*)

— Interessante? Interessante e gorda, se quer saber. Sou grande, gorda. Tenho um metro e sessenta e quatro e peso sessenta e dois quilos. E não sou gata,

esportiva, musculosa. Sou molenga, morro de raiva de nunca me sair bem em nenhum esporte. Nem dançar direito eu sei. Já tô cheia de ir em festa e não dançar. Quem quer dançar comigo? Tem lá um cara, no mundo, que ia gostar de mim?

— Luciana! Isso é muito cruel.

— Cruel mas é verdade. Ninguém quer desfilhar com mina feia. Os carinhas da classe só ficam em cima das gatonas, das meninas bonitas. Homem é tão babaca! O cara é feio pra caramba mas esnoba as meninas, fica escolhendo. Fica se achando assim importante. Fica gozando de quem é gorda, é baixa, é espinhenta, é nariguda. Que droga!

— Luciana, você está dizendo um monte de bobagens. Desculpa, mas é uma injustiça. Nem todo homem se interessa só por aparência. Gente pode ser muito mais atraente do que tantos quilos ou tantos centímetros. Sabia disso?

— Talvez pra você, na sua idade. Mas, na minha escola, o pessoal só pensa em namorar, em ficar com menina bonita. É só aparência, é só exibição.

— E por que você se incomoda com isso? Quem julga só pela aparência deve ser um idiota. Não merece ser levado a sério.

— Pensa que é fácil? É que você tá velho. Deve ter esquecido como era na sua escola.



— Você acredita que eu não
sofri quando era criança?
Quando era adolescente?
Você acha que só você
pode ter problemas de
rejeição no mundo,
menina?

*(A voz de Miguel
vem rouca, emocionada. Luciana suspira. Silên-*

cio entre eles.)

— Eu queria só uma vez, só uma... arrasar. Tá bom, eu até tô exagerando. Às vezes pinta um paquera, eu danço aí com um primo de alguém, um amigo de amigo, assim quatro-olhos, espinhento.

— Que pode ter o mesmo problema de rejeição que você. Não é mesmo? E pode ser um cara muito legal. Que pode achar você muito interessante.

— Interessante não é bonita. Ninguém vê uma menina interessante, mas todo mundo se joga em cima da bonita. Já quem é interessante... tem de descobrir, né? Tem de puxar papo, falar com ela... Eu não queria arrumar um paquera depois de um tempão descolando papo. Eu queria... chegar na festa e chamar a atenção de todo mundo. Todo mundo virar a cara quando eu entrasse, assim me encarando. "Olha que gata chegou!", eles iam falar. Eu queria botar uma míni e um bustiê e ficar lindona, poder

comprar roupa em qualquer loja, sem essa de procurar vestido que disfarce barriga ou estampado que disfarce peso. Queria ter esse visual lindo, sem fazer força. Porque é uma sacanagem. A mina bonita já nasce bonita e pronto. Por que todo mundo não podia ser lindão sempre?

— É uma injustiça.

— Claro que é!

— Uma injustiça divina. Terrível.

— ...

— Muito terrível.

— Miguilim, você tá me gozando.

— Só um pouquinho. Estou querendo ver se você se acalma um pouco e pensa no que está dizendo.

(Luciana senta na cama, enrola e desenrola o fio do telefone; dá uma risadinha breve.)

— Eu desabafei pesado, né?

— Só um pouquinho... Exageros adolescentes.

— Mas você não vai me gozar por isso, né, Miguilim?

— Eu? Nunca. Imagina se eu ia menosprezar a solidão alheia. Já fui sozinho, Luciana. Demais. Mesmo agora, ainda enfrento tanta fossa!...

— Verdade? Gozado... Fico achando que pra adulto é sempre mais fácil. Tem grana, pode sair sozinho, pode dirigir carro. Então se pintar uma fossa é ir pro *shopping* comprar uma roupa ou pegar um cinema, né?

— Nem todo mundo pode curar uma fossa comprando roupa ou vendo filme.

— Tem quem é pobre, é verdade. Mas mesmo pobre, se é adulto, não precisa obedecer ordem de mãe, de pai... Vai numa pracinha, num boteco.

— Esses podem ser alguns modos de resolver a solidão. Agora... não sei se resolvem.

— Como é que você fazia?

— Fazia o quê?

— Ah, quando ficava na fossa. Quando batia uma solidão brava... Quando a gente briga com a família e tá duro, sei lá... até de se agüentar. Você já teve isso, não teve?

— Tive.

— E aí? (*Luciana cruza as pernas e fica cutucando a unha do dedão do pé.*)

— Aí... Olha, eu sempre procurei me enxergar com objetividade. Quem eu sou, o que posso ser, até onde posso ir. Acho que o pior é ficar xingando Deus, o destino. Eu sempre tentei compreender o meu destino, comparar com o de outras pessoas.

— Não entendi.

— Por exemplo, se eu me sentia sozinho, tentava ver dentro de mim por que estava assim. Saber o que me faltava. Se era um amigo, que tipo de amigo. Será que ter alguém, qualquer um, do meu lado é melhor do que ficar sozinho? Será que, se aparecesse Fulano ou Beltrano, eu ia ficar menos sozinho? Ou ia continuar solitário, mas com outra pessoa do meu lado? Não é pior?

— Deixa ver se entendi. É alguma coisa do tipo “antes só do que mal-acompanhado”?

(Miguel ri, um riso discreto.)

— É, por aí. E sabe, Luciana... eu acabava preferindo meus outros amigos. Meus grandes amigos: os livros.

(Pausa. Luciana passa a língua nos lábios.)

— Acho que eu nunca ia trocar uma amiga por um livro. Nem que fosse chata.

— Sua vida deve ser mais fácil que a minha, Luciana. Você é do tipo extrovertido. Agora que eu estou mais velho, tento ser mais comunicativo. Mas, quando eu era jovem... o melhor do mundo era o meu mundo, onde eu achava os meus amigos especiais. Eu imaginava, convivia com eles, eu... Escuta, você conhece a história do Robinson Crusoé?

— O cara que ficou numa ilha, um tempão? Depois ele encontrou um índio, o Sexta-Feira... É essa?

— É. Essa história me fascinava de muitos jeitos. Primeiro, não sei se você sabe, mas é uma história real. Houve mesmo um naufrago inglês que viveu anos, sozinho, numa ilha. Quando ele voltou para a Inglaterra, contou suas aventuras a um escritor, o Daniel Defoe, que romancou tudo e fez o Robinson Crusoé. Eu me interessava muito pela idéia da solidão dele. Da solidão e da sobrevivência: como um cara pôde contar só consigo mesmo? Criar uma casa, uma rotina, tendo só... só as suas esperan-

ças? Pensar no Robinson Crusoe sempre me dava uma força nova. Se ele conseguiu, eu também consigo.

— Sei... Tô entendendo.

— Só que, de todos os personagens, todos os meus amigos solitários... teve um especial. Que me impressionou demais, na adolescência. Eu penso nele até hoje.

— Quem?

— O índio do Colombo.

— Do Colombo? Como assim?

— É, o Colombo, o descobridor da América. Eu li que ele, quando voltou para a Europa, levou junto uns índios. Para mostrar na Corte da Espanha. Eu sempre quis saber... O que aconteceu com esses índios? Como eles viveram, como eles se sentiram?...

— E o que aconteceu com eles?

— Assim, com certeza, eu nunca descobri. E isso só serviu para me deixar mais curioso, sabe? Mais fascinado. Eu fantasiava... eu me via na pele de um daqueles índios. Você já imaginou? Dos vários que vieram com o Colombo, um foi morrendo, o outro também... Quando eu era jovem e estava muito, muito sozinho, eu me comparava ao índio do Colombo. O que aquele índio tinha? Um outro mundo, gente com roupas diferentes, uma língua estranha... O que seus olhos podiam ver? Luciana, ele tinha tudo que nenhum espanhol pobre jamais sonhou ter! A presença de reis e princesas, o luxo da Corte e quem sabe... não servissem a melhor comida e a mais fina bebida e ele



continuava o homem mais solitário da Terra.

(Pausa. Miguel suspira de leve. Luciana encara fixamente as sombras que a vela acesa sobre a cômoda lança pelas paredes.)

— Eu não sabia dessa história dos índios. Desse seu índio do Colombo. Ele nunca voltou pra casa?

— Acredito que não. Eu já falei, os cronistas da época não se interessaram em registrar o destino daquele índio. Eu é que fiquei impressionado e cada vez que ficava na fossa, assim triste, eu voltava a pensar nele. No índio do Colombo. E imaginava, sempre com mais detalhes, a vida dele. Tantas vezes meus problemas pareciam tão pequenos, se comparados à sua solidão.

— Ah, Miguilim! Acho que o seu índio só ia piorar a minha fossa. Porque lembrar do Robinson Crusoé é legal... ele sofreu, ficou sozinho um tempão, mas acabou salvo. Voltou pra contar sua história, e todo mundo ficou espantado com a coragem dele. Já esse índio...

— Talvez por isso eu me identificasse tanto com ele. Não teve ninguém que chorasse por ele, pensasse nele. Enquanto Colombo era o herói e exibia os índios como prova de sua viagem, o índio, o último índio... era o ho-



mem mais solitário do mundo. Então, quando era mais novo, às vezes eu chorava por aquele índio. Eu tentava achar, no meu coração, alguma esperança, algum jeito de que minha alma pudesse, um dia, encontrar a alma daquele índio em algum lugar... e

dizer que eu era amigo dele.

(Silêncio. Luciana se mexe na cama, se ajeita melhor. O fone fica entre seu rosto e o travesseiro. Suspira.)

— Esse lugar... é o céu?

— Acho que pode ser chamado assim.

— Você acredita nisso, Miguilim? Céu e inferno... santo, diabo?...

— Já fui mais religioso... Minha mãe me educou na Igreja católica, eu ia sempre à missa, falava com o padre. Ultimamente, continuo acreditando em Deus, mas só vou à igreja de vez em quando.

— Miguilim...

— Pode falar.

— Sabe, eu... Ah, nem sei se eu conto.

— Claro que conta. Não foi para isso que você ligou?

(Luciana puxa a pele do canto da unha, fica cutucando.)

— Sabe o que é... Eu sou assim ligadona em filme de terror.

— De terror?

— É. Você gosta?

— Eu sou mais de ler, Luciana.

— Eu vejo muito filme. Muito mesmo. Não no cinema, que às vezes o filme é proibido, ou então fica muito caro. Mas, no vídeo e no DVD, o que eu vejo de filme de terror! Será que é errado?

— Ora, e por quê? Não existem boas histórias em muitos deles?

— Mamãe diz que é exagero. Que não fica bem, pra uma moça, assistir “essas coisas”. É assim mesmo que ela fala, “essas coisas”. Como se filme de terror fosse uma baixaria. É verdade, tem alguns que são mesmo de arrepiar, são fortes. Só que até os fraquinhos ela proíbe. Nunca me deixa pegar fita de terror na locadora.

— Se ela nunca deixa você pegar fita de terror, como é que você assiste sempre?

(Luciana ri alto. Espreguiça-se na cama, afasta um pouco o bocal do rosto. O tom de voz é propositalmente malicioso.)

— Bom... aí é outra história. Aí... aí é segredo. Quer ouvir?

— Claro. Tudo o que você quiser contar.



O gosto do terror

— A minha prima Júlia. Sabe, ela é três anos mais velha que eu. Ela, sim, é tarada por terror. Tarada. Já viu um filme do Freddy Krueger vinte e uma vezes.

— Vinte e uma? Não é exagero, não?

— Ah, eu acho. Acho porque dos filmes do Freddy eu gosto mais ou menos. Tem hora que vira até gozação. A gente até adivinha quem vai morrer, sabe. “Esse aí morre em cinco minutos de filme!” (*Ela grita.*) Pimba! Tá lá o cara, ou espetado, ou comido, ou arreventado. Não é bem assim que eu gosto. Eu gosto de terror, mas quando a história vem devagarinho, dando medo... um pouco mais, uma pista... Depois, você não vê o monstro. Aí, quando ele aparece... dá até vontade de gritar.

— Garanto que você grita mesmo.

— Na casa da Júlia a gente pode, ela sempre fica sozinha de tarde. Toda semana, pelo menos um dia, eu

vou na casa dela. Ela mora só com o titio (o pai dela é separado da titia). O legal é que ele não regula os filmes. Também não regula os amigos da Júlia. Tem dia que tá lá um bandão de gente vendo filme. Cada um legal: *O silêncio dos inocentes*, *A coisa*... *A coisa* eu adorei, é do Stephen King... Ei, o Stephen King você deve conhecer, ele escreve livros de terror. Você gosta de livro, né?

— Eu só li um livro dele: *Carrie, a estranha*.

— Esse eu também assisti. É legal. A cena final, sabe... quando a casa da Carrie é derrubada e some no chão; não fica nada, só o terreno. Então a mocinha vai levar flores ali e olha pra baixo... aí aparece a mão de dentro da terra. Nossa! O pulo que eu dei, quando apareceu a mão e começou a puxar a mocinha... Tive até pesadelo. Depois a gente fica sabendo que era pesadelo da moça, mas, na hora, dá o maior medo.

— E você gosta de sentir medo.

— É... gosto. (*Luciana suspira, muda o tom de voz. Demonstra uma certa insegurança.*) Você... você acha que isso é feio? Gostar de sentir medo? Gostar do escuro? Porque agora, aqui, só tem uma vela, uma velinha... e eu acho legal. Fica assim cheio de sombra, parece coisa de terror... Você gosta?

— É impossível não gostar do escuro... no meu caso. Mas fale mais. Como é que você faz, vai escondido à casa da prima... Sem ninguém saber?



— Eu não miiiiinto assim
descarado pra minha mãe, né?

Ela sabe que eu tô na
Júlia. Mas ela pensa que
eu vou fazer a lição de
casa, porque a Júlia tá
no colegial e pode me
ajudar. É uma mentiri-

nha. A gente vai mesmo
ver os filmes. A Júlia já disse
que vai fundar o Clube dos Apavorados. Tem o Walter,
tem o Binho, a Marina, a Lia. A turma da Júlia, eles adoram
terror. Eu vi um filme, ele não era tão terror, mas era legal,
Os fantasmas se divertem. Tinha dois fantasmas legais e
uma garota. A atriz era a Winona Ryder, ela se vestia de
preto, toda assim pálida, e via os fantasmas. Ela vivia que-
rendo morrer, pensando na morte. *Superdark*. Eu bem que
queria me vestir assim: *dark*.

— *Dark*? Em inglês é “sombrio, escuro”...

— Isso. A minha mãe me matava, mas juro, juro que eu
queria. Coisa mórbida, só andar de preto, ter uma caveira no
quarto. A Júlia tem uns pôsteres superchocantes. Tem pôster
de morto-vivo, do Freddy Krueger, do Drácula... O *Drácula*
eu assisti também. O filme é mais de amor que de terror, mas
é bonito. Amor eterno, mesmo que seja de vampiro.

— O Drácula eu conheço. A história pode ser muito
erótica. No livro é.

— No filme também. Tem umas vampiras irmãs do conde que são é taradinhas. Só querem chupar o coitado do inglês.

(Miguel ri.)

— Ei, eu falei alguma coisa errada, Miguel?

— O seu jeito, Luciana... Você define os personagens de uma forma... Diz o que pensa. E isso é engraçado. É simpático. Eu nunca tive muito contato com adolescente. Se são todos como você... até me arrependo de nunca ter lecionado.

— Você é professor, Miguel?

— Eu fiz faculdade de Letras, bem que podia lecionar. Não, a minha insegurança... Duvido que eu pudesse ensinar a matéria sem... sem ter certeza de como os alunos estavam reagindo.

— Hã, por quê? Acho que você daria um professor superlegal. Você ouve os alunos, tem paciência... Ia ensinar sem ficar chato.

— Bem... talvez eu possa ensinar alguma coisa para você. Quem sabe? Esse clima de que você falou... O interesse pelo sombrio, pelo sobrenatural. É tão antigo!

— Antigo?

— É, antigo. Sua mãe não devia censurar você. Os homens sempre foram fascinados pelo mistério, pelo terror. O clima de morbidez, vampirismo, possessão demoníaca...

— Nos filmes, né?

— Mais que isso. Luciana... espera aí.

— Ei, aonde você vai, Miguel?

— Você me deu uma idéia. Um momento, Luciana.

(Ruído de fone sendo deixado de lado. Luciana respira fundo, fica cutucando o lençol com o dedão do pé.)

— Alô?

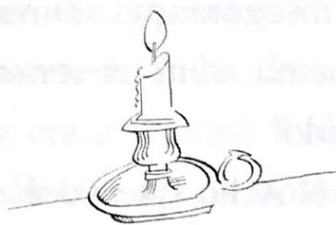
— Miguel? O que foi...

— Achei um texto *dark* para você. Quer ouvir?

— Texto *dark*?

— Hum-hum. Posso ler? Você presta bem atenção?

(Miguel começa a ler, bem devagar. Enfatiza os versos, faz empostação de voz.)



É uma visão medonha uma caveira?

Não tremas de pavor, ergue-a do lodo.

Foi a cabeça ardente de um poeta,

Outrora a sombra dos cabelos louros.

Quando o reflexo do viver feroso

Ali dentro animava o pensamento,

Esta fronte era bela. Aqui nas faces

Formosa palidez cobria o rosto;

Nessas órbitas — ocas, denegridas! —

Como era puro seu olhar sombrio!

Agora tudo é cinza. Resta apenas
A caveira que a alma em si guardava,
Como a concha no mar encerra a pérola,
Como a caçoila a mirra incandescente.

Tu outrora talvez desse-lhe um beijo;
Por que repugnas levantá-la agora?
Olha-a comigo! Que espaçosa fronte!
Quanta vida ali dentro fermentava,
Como a seiva nos ramos do arvoredor!
E a sede em fogo das idéias vivas
Onde está? onde foi? Essa alma errante
Que um dia no viver passou cantando,
Como canta na treva um vagabundo,
Perdeu-se acaso no sombrio vento,
Como noturna lâmpada apagou-se?
E a centelha da vida, o eletrismo
Que as fibras tremulantes agitava
Morreu para animar futuras vidas?

Sorris? eu sou um louco. As utopias,
Os sonhos da ciência nada valem.
A vida é um escárnio sem sentido,
Comédia infame que ensangüenta o lodo.
Há talvez um segredo que ela esconde;
Mas esse a morte o sabe e o não revela.
Os túmulos são mudos como o vácuo.

Desde a primeira dor sobre um cadáver,
Quando a primeira mãe entre soluços
Do filho morto os membros apertava
Ao ofegante seio, o peito humano
Caiu tremendo interrogando o túmulo...
E a terra sepulcral não respondia.

Levanta-me do chão essa caveira!
Vou cantar-te uma página da vida
De uma alma que penou e já descansa.

(Miguel quase grita nos últimos versos. Depois, ele os repete, num tom de voz de desalento.)

— “De uma alma que penou e já descansa”... Então, Luciana? O que você achou?

— ...

— Luciana?

— Nossa, que coisa esquisita!... É... é diferente. O que é isso? É letra de *rock*?
Você traduziu?



— *Rock*? Esse poema, *rock*? (Ele ri alto e descontraído.) Minha querida, não é *rock* não. É Álvares de Azevedo. É poesia brasileira de cento e cinquenta anos atrás. E não é só um poema,



Luciana. Todo o Álvares é isso que você descreveu, esse clima que você encontra nos seus filmes... aquilo que você falou que gostaria de fazer, curtir a roupa escura, demonismo, caveira.

— Eu não sabia! Não sabia que tinha isso. E esse cara... esse cara era o quê? Eu nem sabia que ele existia! Ele... Como é o finzinho, mesmo? Lê de novo.

(Barulho de papel, folhas viradas.)

— “Levanta-me do chão essa caveira! / Vou cantar-te uma página da vida / De uma alma que penou e já descansa”... *(Ele lê em voz grave.)*

— Como é mesmo o nome do escritor?

— Álvares de Azevedo. Poeta romântico, byroniano. Você não estudou Romantismo na escola?

— Eu ainda tô no Ensino Fundamental.

— Poxa, eu até esqueci como você é novinha... Quando falei que curtir o terror é coisa antiga, eu... eu pensei nesse movimento de poetas do século XIX. Curtiam o demonismo, o sobrenatural, cemitério à meia-noite... Conta a lenda que muitos deles chegavam a beber vinho usando caveira como taça.

— Ele fazia isso?... Ele?...

(Luciana senta na cama. Mexe na correntinha de prata pendurada no pescoço, puxa furiosamente a correntinha para os lábios, fica rilhando o metal nos dentes.)

— Bom, o Álvares até que não, parece mesmo que ele era... tinha muita imaginação. Escreveu feito um alucinado, enquanto fazia a faculdade de Direito em São Paulo... Morreu com vinte e um anos.

— Vinte e um? Coitado... Então ele não fez nada na vida...

— Escreveu. Escreveu farta e lindamente... para fascinar, cento e cinquenta anos depois, uma garota sensível como você.

— Sensível? Você acha?... E o terror, não é?...

— Acho que todo mundo tem uma dose de curiosidade mórbida. O Álvares e outros poetas da época sabiam muito bem o que podia dar medo e interessar. Amor e morte. Juventude e sexo. Solidão e sobrenatural... "Sorris? Eu sou um louco. As utopias, os sonhos da ciência nada valem."

(Silêncio emocionado através do fio. Miguel tem a respiração acelerada. Luciana está pensativa, rilhando a correntinha nos dentes.)

— Esse poeta... o Azevedo. Eu bem queria mostrar pra Júlia. Acho que ela ia gostar.

— Eu mando o livro para você. Está bem? Um presente.

— Jura? Que legal! Eu vou ler. Parece que esse cara aí é da nossa turma.

— Tenho certeza que sim.



Jogo limpo

— Espera um pouco.

— O que foi, Luciana?

(Luciana pousa o fone sobre o lençol. Vai até a porta, ouve ruído de conversa, alta, no andar de baixo. Testa o interruptor de luz, ainda sem funcionar. Volta a pegar o fone, senta na cama.)

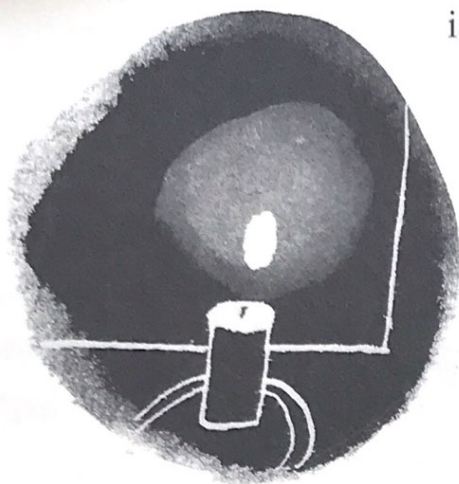
— Pensei que a luz tinha voltado.

— E voltou?

— Não. Ainda tá escuro. São os meus pais. Eles fizeram um barulhão lá embaixo. Acho que tão brigando.

— Eles brigam muito?

— *(Suspiro.)* Acho que o normal. Papai é muito certinho, sabe? Quer se meter em tudo, saber de tudo. Então pega demais no pé da minha mãe, no meu. Sabe o cara que quer relatório de escola? Que pergunta a toda hora se fez lição e quer ver até caderno? Acho que por



isso o primeiro casamento dele
gorou. Ele também era
mais ciumento. (*Pausa.*
Luciana muda o tom
de voz, parece mais
alegre.) E você, é ciu-
mento, Miguilim? Com
a sua namorada?

— Hum, lá vem você de novo com essa conversa so-
bre namorada.

— É ou não é?

— Não sou. Acho que ciúme é sentimento ruim. Se é
para ficar com alguém, é para ter confiança. Senão não
vale a pena.

— Eu concordo. Acho horrível. Tem gente que tá com
a pessoa, tá tudo bem, mas fica sempre desconfiando...
aqui em casa, sabe. Mamãe é professora de Matemática.
Volta e meia tem reunião de noite, e eu tenho certeza de
que ela vai *mesmo* na reunião, não tem nada de mais...
Ah, e pra quê? Noite de reunião é noite de briga. Meu pai
às vezes vai buscar ela na escola... ou fica aí, todo zanga-
do, na sala. E faz aquele monte de pergunta pra ela... Eles
pensam que eu tô dormindo, mas eu fico escutando. E é
uma droga, porque tá na cara que o papai pensa que a
mamãe é mentirosa, mentiu sobre a reunião. Não é uma
loucura?

— Um ciúme assim forte, sem razão, parece loucura mesmo... Agora, sabe uma coisa que eu descobri? Muitas vezes, o ciumento não está com ciúme da pessoa, com... medo de traição. O ciumento tem ciúme da alegria do outro.

— Da alegria? Ciúme?

— É, é verdade. O seu pai, por exemplo. Duvido que ele ache que sua mãe tenha... um amante. Acho mesmo que ele tem *certeza* de que ela é fiel. Mas o ciumento morre de medo, sabe de quê? De que a outra pessoa possa se divertir longe dele. Entende, Luciana? O ciúme é de *tudo*. Da alegria da mulher, de que ela possa gostar de uns amigos, possa ficar feliz... e longe dele. Isso é o mais terrível: longe dele.

(Luciana se vira na cama, olhos fixos no teto. Sombras andam por ele. A pouca luz espicha a sombra do lustre.)

— Será que com namorado também é assim?

— Por quê?

— Ah, isso que você falou... Que loucura! *(Luciana senta na cama, fala depressa, excitada pela descoberta.)* Eu nunca pensei nisso, Miguilim. Do ciumento... ter ciúme da alegria. De encher a paciência do outro porque não quer que o outro fique feliz longe dele. É... um horror!

— Horror?...

— É, Miguilim. Eu tô lembrando de uma amiga minha, a Zezé. Poxa, a Zezé é a colega mais brincalhona da

classe. Daquelas que sempre sabem piada e imitam professor. Cada imitação que ela faz, é só risada. Até palavrão. Ela solta palavrão pra burro, mas não fica feio. Só dá ela em tudo que é bagunça. Em festa, então, a Zezé arrasava. Inventava brincadeira, fazia gente tímida dançar, era súper. Agora... foi arrumar namorado, pronto! Eu nem acreditei... Teve o aniversário da Deise e a Zezé foi com o cara. Gente... ela mudou. Nunca vi. Não falava com ninguém, só ficava grudada no namorado. Ela olhava do lado, ele olhava feio pra ela. Ele nem deixou ela conversar com a gente!

— Pode acreditar. É um tipo de ciúme.

— Que coisa mais louca.

(Luciana morde a unha furiosamente. Silêncio.)

— Luciana... o que foi?

— Ah, eu tô... eu tô é muito irritada com esse negócio, Miguilim. Você tem razão, é um ciúme maluco. Ah, eu vou conversar com a Zezé. O cara quer mudar ela todinha.

— Vai com calma, pode ser que ela até queira mudar...

— Que nada! Você não conhece a Zezé. Adora bagunça, é superalegre... Ah, Miguel, será que todo namorado é assim? Mandão, chato?

— Claro que não, Luciana. Pode ser que...

(Luciana fala depressa, corta a conversa de Miguel.)

— Ah, mas comigo não vai ser assim. Imagina. Se me aparece aí um desses caras mandões, aí... um bonitão

metido a... (*Imita uma voz "de macho"*.) "Escuta aqui, mina, você nem pense em botar a manguinha de fora... Se olhar do lado leva um tapa... Se der risada leva dois..." Eu não! Eu vou armar um rolo, mas um rolo... (*Faz uma voz "de namorada" respondendo a machão.*) "Que é que você tá pensando, hem? É grande mas não é dois. Nem pense em se meter comigo... Quer mudar a minha personalidade, é? O que você é, hem? Seu, seu... seu mefistófeles. Seu megatério, sacripanta..."

(*Miguel está rindo alto.*)

— Ah, Luciana... pára com isso, vai... Essa sua bronca.

(*Miguel ri, mais e mais alto. Luciana sorri; puxa a correntinha para a boca e fica esfregando o metal nos dentes. Tem vontade de rir também, mas se faz de séria.*)

— Miguel!

— Essa sua bronca... é a coisa mais louca que eu já ouvi. Você está xingando... com uns nomes...

— É, eu sei. É tudo bobagem inventada mesmo. Mas ficou legal, não ficou? Parecia que eu tava brava, né? Deu pra convencer?

— Muito, muito. (*Miguel suspira.*) Você consegue ser muito engraçada quando quer, Luciana. É... é tão divertida, tão interessante. Ah, Luciana! (*Pausa.*) Eu queria tocar você, saber...

(*Luciana interrompe.*)

— O que você disse?



— Eu acho você muito divertida. Interessante.

— Não, não foi isso.

— O quê?

— Você disse “tocar”, não foi?

— Não sei. Você entendeu isso? Eu falei que você é interessante.

E pode ter certeza, Luciana, meninas interessantes podem ser muito mais atraentes que aquelas só... só bonitas.

— Você falou “tocar”. É isso que você queria fazer comigo? Mesmo sabendo que eu sou uma pivete gorda?

(Pausa. Luciana larga a correntinha. Miguel suspira.)

— Vamos mudar de assunto. O que você faz? Como é o seu dia-a-dia?

— É chato. Da escola pra casa, da casa pra escola. O dia de ficar na Júlia é legal, mas é só uma vez. E faz lição de casa e vê se descola um *shopping* no fim de semana...

(Pausa. Luciana passa a língua pelos lábios.) Você falou “tocar”, não foi?

— Luciana, Luciana... não insista. Fala mais. Não é possível ter só coisa ruim no seu dia-a-dia, não é mesmo? De que mais você gosta?

— Bom, eu gosto de ver tevê. Filme, programa de auditório. Agora... eu gosto mesmo é de novela. Assistto pelo menos duas. Você gosta de novela?

— Eu não vejo tevê.

— Ah, é. Você é dos livros. Mas novela é legal, sabe? Às vezes é só isso que eu tenho, o capítulo, pra lembrar de noite. É verdade. Às vezes o meu dia foi assim tão bobo, tão vazio... Se eu não tivesse uma cena pra ficar lembrando, acho que eu... até chorava. Mas aí eu lembro da história da novela, eu imagino se fosse eu ali com o personagem... e quando pinta um beijo, ah, sei lá.

— Você deve adorar os beijos...

— Quem não gosta? Ontem, na *Cidade perdida*, teve um beijo lindo, foi supercomovente. A Giulia Gomes e o Alex Paiotti. Você sabe quem eles são, né? A Giulia ganhou até prêmio como revelação em novela, o ano passado... e o Alex é loiro, tem uns olhos... nunca vi olhos tão azuis, ele é um supergato...

— Como foi o beijo deles? Conta a história para mim.

— Você não assiste tevê! Não tá a fim, não gosta.

— Mas, como seu novo amigo, eu me interesso pelo que você gosta. Verdade. Eu quero saber.

(*Luciana se deita na cama, de barriga para baixo. Vai falando depressa e mexendo na correntinha.*)

— Bom, a Giulia... o personagem da Giulia, né. Ela é super-rica, é filha do dono da fazenda, o dono da fazenda é o Tarcísio Gomes, acho que esse você conhece, né?

— Sim. Já ouvi falar dele.

— Bom. Ela parece chata, porque foi muito mimada, o pai sempre deu tudo pra ela. E tem um médico na cidadezinha, recém-chegado. É o Alex, claro. O Alex tem a maior queda pela Giulia e a Giulia bem que gosta dele também, mas, como ele é o tipo de médico que atende pobre de graça, que protege os camponeses, que pega no pé do pai da Giulia, ela fica com raiva dele. Iiiiiih, já teve briga, cada briga entre os dois! Teve uma vez que a Giulia tava com uma empregada dela na cidade e ela gritou com a empregada e aí, aí o Alex deu a maior dura nela... Disse assim: "Só porque você é rica não deve ser grossa!" (*Imita o ator.*) Então eles ficam aí que nem gato e rato... Você tá me ouvindo?

— Claro. Está interessante. Pode falar.

— Bom... Ontem a Giulia foi andar a cavalo e, sem querer, encontrou o Alex. Eles discutiram, só podiam discutir, né? E a Giulia, superteimosa, resolveu dar uma de valentona e botou o cavalo pra correr. Correu e correu... e caiu. Parece que quebrou a perna. O Alex (ainda bem que ele é médico) socorreu ela. Levou a Giulia até uma gruta, tentou fazer um curativo... Começou a chover, chover pra burro. Ela tava com medo, não quis ficar sozinha ali, quis que o Alex ficasse com ela na gruta. Ele então soltou o cavalo dela. Achou que, se o cavalo voltasse sozinho pra fazenda, alguém ia saber que a Giulia tava em perigo... E tá assim, de noite, a maior chuva... a Giulia com febre, deitada... Ela tá superbonita... Ah, como eu queria ser a

metade do que ela é. E ela tá meio dormindo, com um pouco de febre... pede que o Alex abrace ela, tá com frio... Ele abraça. Os rostos dos dois ficam assim juntinhos... O Alex, com aqueles olhos azuis lindos, a maior cara de paixão... Ela pede um beijo, um beijo... Fala que tá sonhando com um lugar lindo, quer só um beijo... O Alex aproxima o rosto, os dois assim tão bonitos... Um beijo superlegal. E foi assim que terminou o capítulo. Hoje o pai da Giulia deve encontrar os dois. Só quero ver no que vai dar. Mas, com o blecaute, eu não vou poder ver.

— Que bonita essa cena!

— Você achou, é? Tá vendo? Novela tem isso, assim. Essa coisa de paixão, de amor... Eu gosto.

(Silêncio. Miguel suspira.)

— Uma menina romântica.

— O quê?

— Só estou definindo você. Achando graça no destino. Na sua roleta-russa. Você, que vai do terror ao amor... que encontra poesia numa cena de novela. Estou tendo outra... pequena tentação romântica para oferecer a você.

(Barulho de folhas de papel.)

— O que foi, Miguilim?

— Foi o que eu disse: do terror ao amor. Quer mais um pouco do Álvares de Azevedo? No mesmo clima da sua novela?

— Hummmmm... Ainda vou me viciar nesse cara.

— E por que não? Quer ouvir?

— Quero, quero sim. O que vai ser?

(Miguel mexe em papéis, murmura algumas palavras, parece procurar um trecho em um livro. Luciana cantarela um pouco o tema de abertura da sua novela favorita.)

— Achei. Agora imagina o que você viu... Na cena, seus olhos viram o que a câmera mostrou, não foi?

— Foi.

— Agora tente sentir. Sentir como o personagem, o Alex. A visão da mulher que dorme. O que se imagina. O que se pode sentir... Posso ler?

— Pode.

(Em voz grave, pausada, Miguel lê.)



Vem, rainha da noite! quero amar-te

Com os lábios molhados nos licores,

No teu seio de fogo derramar-te

A mística ilusão dos meus amores!

Ah, vem, repousa, embala-te em meus braços,

Quero viver, morrer nos teus abraços!

Ela dormia: a rosa desmaiada,
Que a noite serenou, nem é tão pura
Nos moles véus da névoa mergulhada!
Era mais bela que de luz divina
A palidez em nuvem peregrina.

E tão pálida e bela! seminua,
As pálpebras do sono em véu sombrio,
Lânguida como vagarosa Lua
Quando voga no mar de um céu d'estio,
E o seio palpitante como a vaga
Que da praia a solidão da noite alaga!

Do cabelo nas ondas a donzela
— Inda mais alva a face — adormecia:
Que fria morbidez nas faces dela!
Rosa que as folhas cândidas despia
Dos amores do vento nos delírios,
No frio orvalho de prateados lírios!

Oh! sonhava talvez! vi-as tremendo,
— Qual de colar em seio volutuoso,
Pérolas soltas — lágrimas correndo!
E nos seus lábios como som mimoso
De arroio d'água límpida ao bafejo
Os ais tremiam ao cismar de um beijo!

Era o vento da noite que passava
Da magnólia a pender no mole seio?
Criatura de amor que ao sono em meio
Vaporosos suspiros emanava?
Era a Lua que, inanida, gemia
Quando entre nuvens pálidas se erguia?

Que pensamento, que desejo incerto,
Que saudades e amor a palpitavam?
Flores ou anjos, nuvens do deserto
Entre a névoa dos sonhos que a roçavam?
Ou da Julieta, pálido, risonho,
Pro seu belo Romeu ardia em sonho?

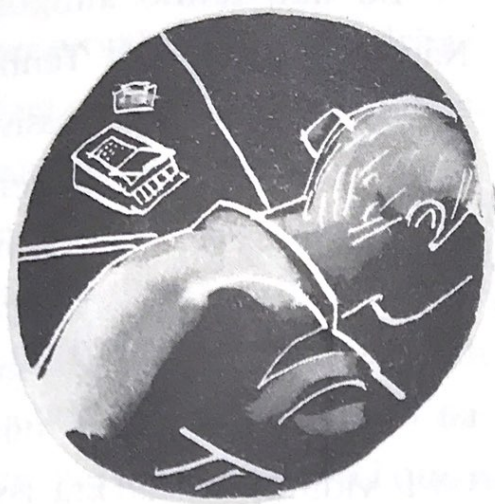
Ela dorme. Silêncio! Ó noite bela!
Fresco e perfume só derrame o vento
Nos cabelos da lânguida donzela!
E da noite ao frescor o sangue lento
Corra nas suas azuladas veias
Como a onda no mar sobre as areias!

— Também é do Álvares?

— Hum-hum.

(Luciana aperta o travesseiro no peito, pensativa.)

— Você lê com tanta paixão, fica tão... tão bonito.
Deve ser legal ser sua namorada, Miguilim, sabe? Ela gosta
de poesia?



— Ela quem?

— A sua namorada...

— De novo, esse assunto! Luciana, você...

— Como é que ela é? Ela parece com a Giulia Gomes? Você já leu pra ela esse poema da moça dormindo?

— Luciana, por favor.

— E escrever poesia? Garanto que você escreve. Você já fez poesia pra sua namorada? Hem, Miguel?

— ...

— Miguel?

(Surge um barulho na linha, como se Miguel tivesse batido o fone em algum lugar. Luciana senta-se na cama.)

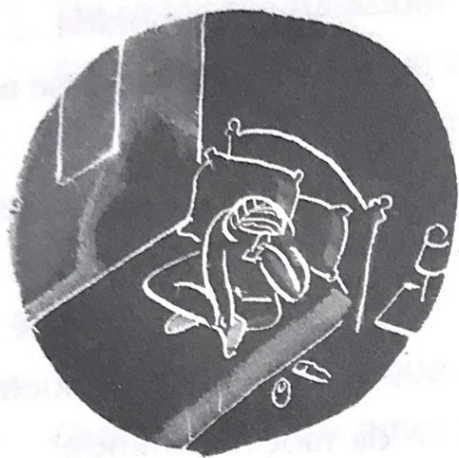
— Miguel? Miguilim? Alô... O que foi? Você tá aí?

— Estou, Luciana. *(Suspiro.)* Eu não tenho namorada, Luciana. Eu menti.

— Mentiu?... Mas por quê?...

— O que você queria que eu dissesse? Que eu sou um solteirão de vinte e oito anos? Um solitário? Eu não imaginava onde essa nossa conversa poderia ir. Para que confundir? Era mais fácil fingir. Fingir que eu sou um cara cheio de amigos, com uma linda namorada e uma maravilhosa vida sentimental.

— Amigos?...



— Eu não tenho amigos. Não tenho namorada. Tenho só uma mãe possessiva e terrível, que fica tentando me isolar e me trata como criança. Não é uma droga, Luciana? Não é uma vidinha besta? Era isso que você queria ouvir? Você,

que tem treze anos e está sozinha, sem ninguém, e parte para uma roleta-russa para achar amigos... ia querer ser minha amiga?

— Amigo... amigo não mente pro outro.

— Você nem era minha amiga ainda. Eu falei sem pensar.

— E o resto? E o resto que você falou? Era mentira também?

— Como assim?

— Ah, a história do índio do Colombo... do Álvares... do seu pai morto... Vai ver ele morreu nada. Vai ver você tem é vergonha dele, ele é bobalhão... e eu... eu achei que você era órfão. Até fiquei com dó de você.

— Isso não! Ouviu? Não quero. Por isso eu não falei. Não quero que você tenha dó de mim.

(Silêncio. Nenhum dos dois fala. Tensão e irritação. Respiração ofegante de Miguel. Luciana morde os lábios.)

— Uma brincadeira. Uma garotinha sem ter o que fazer propõe uma brincadeira... a roleta-russa de telefone... Para quê? Quer arrumar um namorado, uma paquera? Quer saber como eu sou? Eu sou... bonito. Lindo! Tenho um metro e noventa, pratico surfe, halterofilismo... Sou um cara fortão e loiro, tenho cabelo comprido, um monte de garotas interessadas em mim. E sou rico; ah, viajo pelo mundo todo. Nunca fico na fossa. Isso é para idiota e fracote, gente miserável que nem devia viver. Eu não. Sou um... um semideus, posso tudo e sou tudo.

— Pára com isso!

— O que foi? Não gostou do meu retrato? Ah, não? Eu posso ser... um ladrão. Um homem brutal, cicatriz no rosto, tatuagem pelos braços, nariz quebrado. E louco. E sou mau, eu sou muito mau, sou um estuprador e adoro degolar adolescentes.

— Pára com isso! Pára com isso!... Você tá me deixando com medo mesmo... Miguel, Sherlock... Pára com isso!...

(Luciana está chorando. Não consegue se controlar. É um choro convulsivo. Uma lágrima escorre pelo rosto e molha a mão que segura o fone.)

— Você... *(Fala entre soluços.)* ... não entendeu. A roleta-russa... de... te-telefone... é pra achar amigo. Não ficar sozinha...

(Ela chora um pouco mais, tenta se controlar, mas o choro continua convulsivo.)

— Acho que... a-acho que vou desligar...

— Não! Por favor, Luciana... Por favor, não faça isso! Não me deixe sozinho... Eu não... eu nunca na minha vida quis falar com alguém como agora... Vou me sentir tão mal, tão culpado... Ah, Deus! Eu não quis. Não quis te ofender, te magoar... Eu... eu fiquei com raiva. Não gosto que tenham pena de mim... por isso eu menti. Eu menti para... para me proteger e não para magoar você, ridicularizar a sua brincadeira, a sua... a sua tentativa de achar amigos... Por favor, minha menina, não desligue... Por favor... Desculpa.

(A voz de Miguel soa gutural, apavorada e tensa ao mesmo tempo. Luciana vai, aos poucos, diminuindo o choro. Ambos respiram forte.)

— Por que você fez isso, Miguel? Por que mentiu? E eu aí, tentando... tentando imaginar como era a sua namorada...

— Desculpa mesmo. Mas saiba, Luciana... acredita em mim. Eu tive meus motivos. Motivos sérios.

— Como assim?...

— Confia em mim, por favor.

— Você me assustou, Miguel... Você é Miguel mesmo?

— Miguilim.

— Isso é verdade?

— Isso é verdade. E... sobre o meu pai. Também é verdade, Luciana. É uma lembrança terrível a morte do

meu pai. O acidente. Ele bateu o carro, eu também estava no carro. Fiquei dois meses entre a vida e a morte. Eu sobrevivi e ele se foi. Eu vivi para... lembrar, para sentir que talvez... talvez não fosse tão bom assim ficar vivo. Agora estou sendo sincero, Luciana. Totalmente sincero...

— Você quer ser meu amigo mesmo? De verdade?

— Juro.

— E não vai mentir mais, mesmo? Não vai... fazer gozação nem falar que é bandido, nem nada?

— Juro.

— ...

— Eu já disse que juro.

— Você não é bandido, é?

(Miguel ri. Luciana acaba rindo junto.)

— Não, nunca. Um cara como eu lá pode ser bandido? De que jeito?

— É, você não me convenceu muito não... Um bandidão não ia recitar poesia nem falar difícil que nem você...

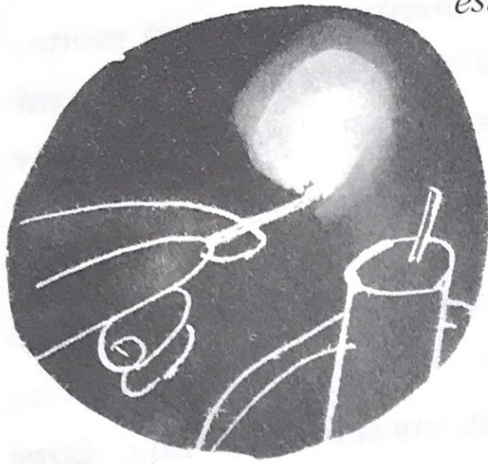
— Provavelmente. *(Pausa.)* Você está melhor, Luciana?

— Tô.

— Espera um pouco.

— Miguilim? Aonde você vai?

(Barulho de fone sendo deixado de lado. Ruídos de alguém que mexe em aparelho. Luciana começa a ouvir uma música pelo fone.)



— Gosta? É Vivaldi. *As quatro estações*. Uma das minhas músicas favoritas.

— Põe mais alto.

(O som aumenta. A melodia, cheia de sons de flauta e com sua suavidade, chega nitidamente aos ouvidos da garota.)

— É música clássica, né?

— É. Vivaldi é um compositor do período barroco. Eu gosto de música relaxante, é bom para ler, faz a gente pensar melhor. *(Pausa.)* Você ainda está magoada comigo?

— Só um pouquinho... Tá bom. Não tô mais não.

(Ficam ouvindo um pouco a música, em silêncio. Luciana procura um lenço no bolso do pijama. Não acha. Dá de ombros e limpa o nariz no canto do lençol.)

— Miguilim... você me diz uma coisa?

— Fala.

— Você... você tem um segredo?

— Como assim?

— É, um segredo na sua vida. Uma coisa que você não quer que ninguém fique sabendo. Tá certo, até era meio segredo, pra mim, o que você falou... de não ter namorada. Mas além desse. Uma coisa em que você pensa muito e nunca sabe se deve contar pra alguém.

— Todo mundo tem seus segredos, Luciana. Às vezes... são nossos medos. Coisas que podem nos envergonhar.

— É, uma coisa assim. Que você nunca contou pra ninguém e vive encucado com aquilo.

— Você quer me contar uma coisa... não é? O seu segredo.

— Ah, não sei. Acho que quero. Mas fico com medo de que você dê risada de mim.

— Prometo que não.

— Se eu contar o meu, você conta o seu?

— O meu o quê?

— O seu segredo.

— Eu conto... um deles.

— Nossa, tem tanto assim na sua vida?

— Eu sou bem mais velho que você, Luciana. Devo ter juntado bem mais segredos na vida, não acha?

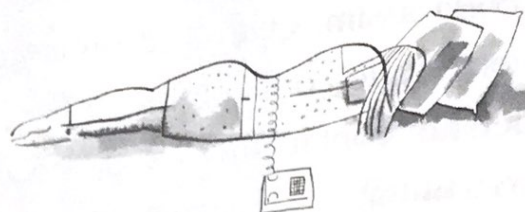
— Pode ser. Hã, eu fico com vergonha.

— Luciana, você não está me vendo. Eu nem estou perto de você, estamos dividindo nossa solidão...

— O escuro. A gente também tá dividindo o blecaute.

— É, eu esqueci isso. Também. Dividimos a escuridão. É... é como se você conversasse sozinha.

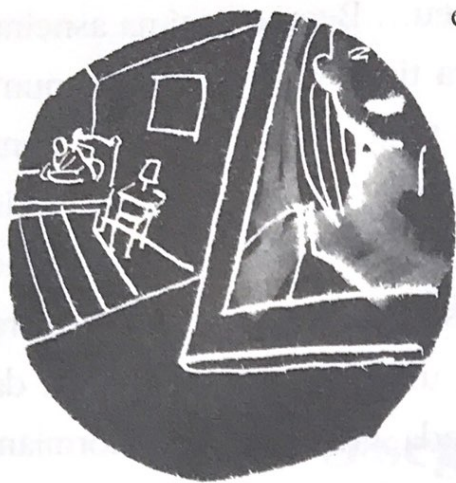
— Eu vou falar então. Foi uma vez, um dia... já tem uns meses. Foi nas férias de verão. Lá na praia, lá em Ubatuba. Você não interrompe, tá? Não faz pergunta. Promete?



O segredo

— A gente alugou a casa por um mês. Mamãe acertou com umas amigas dela pra dividir o aluguel de uma casona, uma baita duma casa legal, e tava assim um montão de gente. Foi a Nininha, as amigas da mamãe também têm filhos, uma batelada de gente. Pra Nininha até que tava legal, porque tinha umas pivetinhas da idade dela, ela tava supercontente... Os pais não conseguiram tirar férias de mês inteiro, então, ficava mesmo era a mulherada o mês todo, os pais iam e vinham no fim de semana. Era uma bagunça, e eu só tava achando ruim ter tanta pivetada. Mas aí eu fiz amizade com umas meninas de uma outra casa; uma delas era quase da minha idade, a Gina, e tinha a irmã dela, de uns dezoito anos, a Cleide. Elas pareciam legais, a gente jogava vôlei de praia, a gente se encontrava quase todo dia. Eu adoro praia, sabe, adoro tudo na praia: nadar, correr na areia, ficar só com a cabeça de fora da

água, é muito legal... E eu fiz amizade com a Gina e a Cleide. A gente conversava e eu... Bem, eu caí na asneira de falar pra Cleide que nunca tinha dado um beijo num cara. Pra quê! Ela me gozou tanto! Poxa, eu fiquei com uma raiva! Eu... Bom, aí... aí, pra piorar as coisas, dois amigos da Cleide apareceram na casa. Eram uns carinhas de uns dezoito, vinte anos. Um deles, o Paulo, era superbonito. Eles montaram uma barraca no quintal da casa, a casa também era alugada, grandona. Eles dormiam lá fora, mas passavam o dia todo pela casa, pela praia. Olha, minha mãe ficou até brava comigo, porque eu vivia na casa delas. Também, mamãe só juntou amiga com filho pequeno! Eu mal comia e dormia na casa que mamãe alugou, passava mesmo era o tempo todo na casa das minhas amigas. E o Paulo... Bom, o Paulo... Nunca tinha visto um cara tão bonito, ele era moreno, o corpo superbronzeado, fazia mil esportes. Justo eu, que mal acerto a bola de vôlei, acabava jogando mais pra ficar perto dele... Poxa, eu sabia! Ele lá ia dar bola pra uma pivete que nem eu? Ah, se fosse paquerar alguém, ia ser a Cleide, mais velha, de dezoito anos. Eu? Imagina. Eu até tentava uma paquera, coisa assim boba. Não ia dar em nada mesmo, sabia. Mas aí... aí teve um dia... um dia em que a Gina falou assim, na praia, no meio de todo mundo, que eu era “zerinho”. Uma baixaria, ela queria dizer que eu nunca tinha beijado ninguém na vida. Poxa, morri de vergonha! Não sei como é que eu não me enterrei na areia, ou não me afoguei. Dei



um jeito de falar que queria nadar e fui pra água, chorei na água, esfreguei areia no olho pra fingir que era cisco, mas eu chorei e chorei. Ela não tinha o direito de contar isso. Nem... nem de fazer o que elas fizeram. Foram elas, tenho certeza. A Cleide e a Gina, elas. Tenho certeza, elas contaram pro Paulo que eu gostava dele. Elas estavam era se divertindo com a minha cara! Eu sei que elas combinaram, um dia de manhã, lá na praia, pra eu ir de tarde na casa delas. Era um dia frio, tinha chuviscado de madrugada, a praia tava uma droga. Então pensei que elas iam jogar baralho, algo assim. Minha mãe ainda falou pra eu ficar em casa, que ia chover bastante. Era verão, mas fez um dia de inverno, uma coisa muito esquisita. Eu insisti, falei que ia, e fui pra casa delas. Tinha uma ruazinha em que não passa carro, uma picada, que encurtava o caminho entre as casas. Fui por ali, um vento forte, eu andei e cheguei lá, e estranhei. Não vi ninguém, nem na varanda nem na frente da casa. Eu chamei por elas, pela mãe delas, nada. Nos fundos da casa, dentro da barraca, tava o Paulo. Ele me falou que o pessoal tinha ido até a cidade, ia passar a tarde lá. Tinha ido todo mundo, menos ele. Poxa, por que ele não tinha ido?

Só ele? Aquilo não era esquisito? Ah, eu fiquei até meio contente, na hora. Puxa, o Paulo aqui sozinho!... Aí ele perguntou se eu já tinha dado um beijo na vida. Pronto! Eu percebi o que elas tinham aprontado pra mim. Fiquei vermeeeeelha... Tentei desconversar... O Paulo perguntou se eu não queria entrar na barraca pra pegar um refrigerante. Bom, devia ter desconfiado... Ia ter refrigerante dentro da barraca? Ia ter na cozinha, na casa... Ele falou pra eu entrar, foi na frente. Eu entrei também. E aí... Bom, não sei o que deu nele. Ele foi assim supermaluco pra cima de mim. Ele me beijou. Na hora eu fiquei, sei lá, meio besta com aquilo... Mas pensei... "É o Paulo, esse cara superbonito, me beijando..." Nem sei o que eu fiz, nem sei se tava ou não gostando do beijo... Fiquei com um pouco de vergonha também. Ele me beijou bem forte. Eu tava de olhos fechados, percebi que ele se mexia todo, eu nem sabia o que ele queria fazer. Aí abri os olhos, olhei pra baixo. Ele tinha tirado a bermuda. Tava... tava nu. Queria que eu pegasse nele "lá". Aí eu me assustei. Quis sair da barraca, eu só ficava falando que "Não, eu não queria"... Ele me deu outro beijo, com força, apertou a minha bochecha pra eu abrir a boca. Eu sei que queria chorar, já não sabia se sentia nojo ou se gostava dele, não queria pegar nele, queria era sair dali. E também morria de raiva das minhas amigas. E ele insistia, dizia que toda garota faz isso, pra eu deixar de ser boba, que era legal, que eu ia me acostumar, e quis me beijar de novo. E... eu sei

que fiquei com uma dúvida enorme. Será mesmo que todas as meninas?... Bom, sei que consegui me levantar, ele achou que eu ia topar. Consegui sair da barraca, fui fugindo, fui correndo pelo quintal... Ele ainda gritou "Você é uma idiota! Pivete, criançona, babaca!" e eu fui correndo, correndo pela ruazinha, pelas casas... Começou a chover, e era chuva e era lágrima, eu ia correndo e parece que a voz dele me perseguia, "Babaca, babaca". Ah, Miguel. Eu... eu cheguei na casa alugada da mamãe, sei que tava com frio, porque tinha pego chuva, então queria um banho quente... E chorei, chorei no chuveiro, um tempão, um tempão mesmo... me sentindo tão mal... tão triste...

(Luciana pára de falar, sua respiração está alterada. Ela aperta o travesseiro, morde o pano do travesseiro. Algumas lágrimas apontam em seus olhos.)

— Eu acho que você fez muito bem.

(A voz de Miguel está calma e decidida.)

— Como assim?

— Você fez muito bem, Luciana. De agir conforme os seus sentimentos. O cara era um idiota! Que direito ele tinha de lhe dar um beijo forçado? Insinuar relações? Você tem treze anos!

— Olha, Miguilim. O beijo... Eu até queria o beijo, sabe? Eu tinha... tinha até sonhado com ele, ele me beijando... Mas o resto? Por que ele não me perguntou antes? Eu nunca tinha visto um... Você sabe. Por que ele fez isso? Será que eu provoquei ele? Eu... até dei

umas paqueradas. Mas queria... não sei, um carinho. Eu...

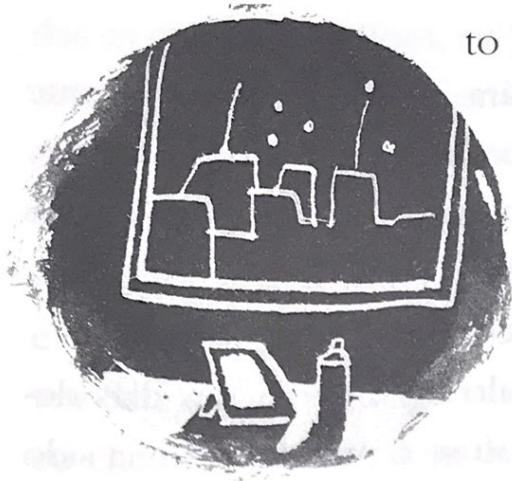
— Luciana, por favor. Pára de se culpar! Claro que você podia estar atraída pelo rapaz, um cara bonitão... mas foi quase um estupro! Foi um absurdo. Um absurdo como toda a coisa foi conduzida. A grosseria dele, as suas amigas desrespeitando a sua confiança...

— Ainda bem que o Paulo foi embora uns dias depois. Então, a Cleide perguntou se o meu beijo tinha sido legal. Eu menti, só falei do beijo, falei que tinha sido mais ou menos. Mas elas não disseram mais nada, que o Paulo ia ficar pelado... Acho que ele também não contou pra elas. Não sei, acho que o beijo até foram elas que combinaram. Já o resto...

— Luciana. Que segredo ruim de guardar! E você não contou para ninguém?... Você não falou para a sua mãe?...

— Minha mãe! Você sabe o que ela ia falar? Isso se eu falasse só do beijo, e nem do beijo! Se eu falasse que a Cleide e a Gina tinham me deixado sozinha com um cara na casa? Ah, ela ainda ia dizer: "Bem feito! Eu falo que você não sabe arrumar amizade, olha o que deu". (*Luciana imita voz irritada.*) É isso que ela ia falar. Ela não entende! Acha que eu sou uma menininha! Eu só sou grande quando é pra cuidar da irmãzinha. Aí sim, tenho "obrigação". Ela só se preocupa com a Nininha, só dá agrado pra Nininha... Acho que nem ela nem meu pai gostam de mim. Se eu fosse embora, pronto. Eles deixavam o quarto

todo só pra Nininha e achavam muito bem...



(A música acabou. Surge um barulho de aparelho desligando. Barulho de gravador, fita sendo virada. Começa outra música de Vivaldi.)

— Luciana, não é um outro exagero adolescente? Sua mãe deve mesmo gostar de você, pode ter certeza. É que, às vezes... os jeitos de gostar são diferentes. É difícil mostrar afeto. Ela quer proteger você. Ou pensa que você é mesmo tão menininha... Mas você devia ter falado com ela. Ter explicado, ter feito o que você fez comigo: trocado um segredo, uma confidência.

— Com você é diferente! A gente nem se vê, você ouve o que eu tô contando e só. Se eu mudar de idéia, eu desligo, é roleta-russa, qualquer coisa. Mas com a *minha mãe*? Eu ia enfrentar o olhar dela, Miguel? O olhar dela, que mata. Ela fecha a cara, já prepara a bronca. Mesmo que nem saiba o que eu vou falar, ela já tá pronta pra criticar: “Eu não disse? Você não me ouve mesmo”. (*Imita uma voz áspera, um comando.*) Droga! Eu... eu gosto da Nininha, tem hora em que ela é legal, é um nenê legal. Mas tá naquela fase egoísta: “É meu, o doce é meu!”, e se você não dá logo a coisa pra ela, lá vem minha mãe ou

meu pai dando bronca: "Você já é uma mocinha, Luciana. Dá pra sua irmã, não vê que ela tá chorando?", nem querem saber se a culpa é minha, se é dela... A Nininha chorou? Ah, é porque a Luciana fez alguma coisa. A Nininha quer doce, quer um brinquedo? Ah, a Luciana tem de dar, "é mocinha". A Nininha? Coitadinha, é só um nenê...

(Pausa. Só o som de Vivaldi pelo fone. Luciana joga o cabelo sobre os olhos.)

— Miguilim... posso ser sincera com você?

— Claro, Luciana. O que você quer?

— Escuta. Não dá pra você tirar essa música, não? Ela pode ser calma, você pode gostar... mas ela é tão chata! Parece coisa de velório!

(Miguel ri, Luciana também sorri, ajeita-se na cama.)

— Luciana, adolescente... Você consegue passar da confidência mais trágica ao comentário mais divertido. Gosto muito disso em você. Claro que eu tiro o Vivaldi. Pronto. Desliguei. Assim está melhor?

— Tá.

— Depois eu vou ver se acho outra música... Luciana?

— O quê?

— Estou gostando muito de você.

— Ah! Um cara de vinte e oito anos...

— Agora, aqui, na nossa conversa. Não temos idade. Não temos rosto.

— Você era capaz de... de ficar com mina de treze anos? Você fazia o que o Paulo fez?



— Nunca.

— Por quê?

— Luciana, você pode ser linda, *sexy*, jovem, sedutora, o que for. Mas eu acho que você tem de viver suas experiências com pessoas da sua idade. Não ser forçada a fazer

algo porque outras garotas fizeram.

E, menos ainda, aceitar um cara mais velho, por... por uma pressão. Nunca ser forçada a fazer qualquer coisa.

— Não era forçada. Com você... não sei. Tô gostando de você, Miguel.

— Luciana, goste de mim. Goste sim: como de um irmão bem mais velho.

— Não sei se é desse jeito...

— Luciana, é roleta-russa. É a solidão. É o escuro, a fossa... Você diz isso por causa de todas essas coisas. A gente só está conversando. Quando voltar a luz, quando você for para a escola, vir suas amigas, encontrar outro rapaz bonito, claro, que não seja um cafajeste... você não vai pensar em mim. Você tem todas as coisas do mundo, Luciana.

— Tenho? (*Ela dá um sorriso irônico.*) Eu não achei nada ainda.

— Você não sabe nada de mim.

— É só você contar.

— Não é tão simples assim.

— E o seu segredo? Eu contei o meu. Passei a maior vergonha, mas contei o meu. Qual é o seu? É um marciano, tem quatro olhos? É *gay*?

— Não, eu não sou *gay*.

— Mas não vai contar o seu segredo?

— Um deles. Posso contar um deles.

— Então conta!

— Luciana, eu conto. Mas... por que você está agressiva comigo?

— Eu? Ah! Não estou agressiva!

— Está sim. (*Pausa. Miguel abaixa o tom de voz.*) Se você imagina... sequer imagina que eu possa estar rejeitando você por... por algum motivo fútil, não é isso. É que eu não posso.

— Por causa da minha idade?

— Por causa de mim.

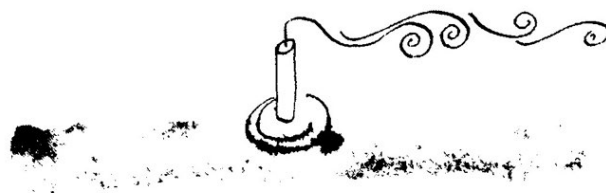
— E o que você tem?

— Você não quer uma confidência? Você me contou desse seu trágico primeiro beijo, dessa mistura de amor e raiva, da obrigação de dar um beijo e do horror de experimentar o sexo. E comigo? Eu queria contar, menina. Se tivesse coragem, eu contava a verdade agora. Mas ainda não. Estou precisando dessa roleta-russa mais do que você imagina. Eu não posso contar agora.

— Contar o quê?

— O outro segredo.

— Como?... Por que tanto mistério?



Tânia

— Está escuro, não é, Luciana? Bem escuro?

— Tem uma vela no criado-mudo.

— Apaga a vela. Você me faz esse favor? Fica mesmo no escuro, o mais possível...

— É pra criar o clima?

— É, é sim.

(Pausa. Leve ruído do colchão, de passos abafados.)

— Pronto. Agora tá escuro de verdade. Eu nem subi na cama, tô aqui no chão, do lado do telefone. Pode falar.

(Miguel passa os dedos devagar na testa, pensativo. Fala devagar, pausado.)

— Minha história é feita de sons. De cheiros. De medos, de muito medo... Luciana, é impressionante como consigo lembrar do dia do acidente. Eu tinha só oito anos, mas me lembro de tudo, detalhes tão pequenos como... o tipo de claridade, aquele lusco-fusco das cinco da tarde

em dia de inverno. Lembro que o carro ia pela estrada, o reflexo do Sol na estrada... o verde do campo, o jeito com que papai movia o volante, lembro mesmo de que ele usava um terno cinza. E... a curva, na estrada... o brilho rápido cegando os olhos de papai, o caminhão. Ah, Luciana... consigo rever cada um desses detalhes um milhão de vezes. E todo o imenso tempo de trevas, os meses (depois fiquei sabendo que foram meses) que passei em coma. Aí teve o despertar. Espera um pouco, Luciana. Vou pegar um cigarro.

(Miguel anda pelo quarto, tateia atrás de fósforos e do maço. Acende o cigarro com a mão levemente trêmula. Enquanto isso, do outro lado do fio, Luciana se encolhe sobre o tapete.)

— Luciana?...

— Eu estou aqui, sim. Estou ouvindo.

— Então, o despertar. Eu seria um ingrato, um idiota total se não entendesse como minha mãe foi importante nesse momento da minha vida. O marido morto, um filho traumatizado pelo acidente, a necessidade financeira, tanta... tanto peso nas costas de uma mulher. Ela foi maravilhosa, Luciana. Durante anos, ela foi simplesmente maravilhosa. Abriu um negócio com o dinheiro do seguro. Trabalhou muito. E esteve sempre do meu lado. Ela me ensinou tudo o que pude aprender. Ela lia para mim, ela me abriu o caminho da literatura, me ensinou a gostar de música, a compreender o mundo à minha volta. E por

isso, por esse amor, eu... eu sempre vou ser muito, muito grato. Mas já falei, Luciana, como é difícil passar o amor. Fazer o amor não virar uma outra coisa. O que a gente falou sobre o ciúme. Ciúme não existe só entre marido e mulher, Luciana. Ciúme de mãe pode ser mais terrível. Ainda mais quando a mãe perdeu tanto na vida e se dedicou a fazer o filho feliz. Eu sei, mamãe sempre quis que eu tentasse ser feliz, mas à maneira dela. E aí, ah, como podia ser terrível também! Uma fera! Uma pessoa ciumenta é uma pessoa feia. E nessas horas ela virava uma pessoa muito feia.

(Miguel traga o cigarro, solta uma longa baforada para cima, bate a cinza no cinzeiro.)

— Amigos. Na hora em que entraram os amigos é que minha mãe revelou sua face feia, feroz. Eu ia à escola, ao instituto, ao clube, aprendi a nadar. Mas na hora em que tentava ser igual aos outros, tentava conversar com os outros, fazer amizade... alguma coisa acontecia.

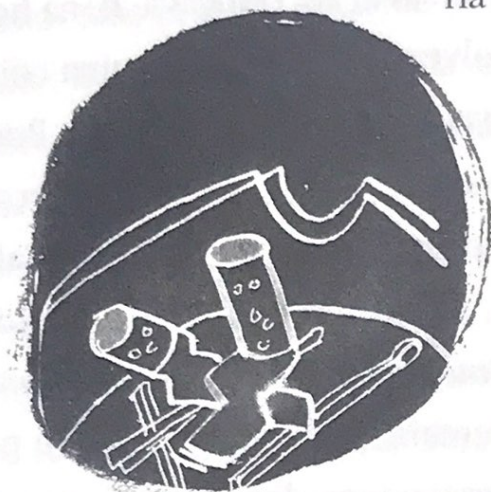


Vamos dizer, por exemplo, que eu convidasse um colega da escola para ir em casa. Mamãe nunca recusava, nada disso. Ela sempre agia do modo dela, era muito educada. Eu e o amigo

passávamos a tarde juntos e vamos dizer que tudo corresse bem, sabe. A gente conversava, até brincava. E, na hora que o colega ia embora, talvez até dizendo alguma coisa: “Ah, você precisa ir em casa a outra vez”, eu sabia. Podia mentir que sim, mas era o colega sair e mamãe começava a sua luta discreta. Nada pesado, mas uma palavra, algo assim: “Ah, esse garoto é inteligente. Ele é isso e aquilo, mas (*Miguel enfatiza o “mas”, imitando voz feminina.*), ele não parece nervoso demais? Será que tem algum problema?” Ah, Luciana! Era esse o jogo dela. Sutil. Começava achando um pequeno defeito no amigo. Ia e ia... localizava outra falha. Uma terceira. E conseguia me convencer, melhor, não sei até que ponto ela me convencia mesmo, ou eu é que percebia a intenção dela e acabava entrando no jogo... mas acabava achando mesmo que sim, o Fulaninho, no fundo, no fundo, não queria ser meu amigo, mas veio em casa com a intenção de... de me ofender. Ou de me fazer de bobo, ou talvez quisesse me roubar, se a gente tivesse jogado alguma coisa. Enfim, ele não era um bom amigo. Não merecia confiança. Eu só podia ter confiança na mamãe. Amigo? Não, é bom manter distância. Não há amigos suficientemente bons.

— Miguel... mas por quê? Por que sua mãe afastava você dos amigos desse jeito? É chato ficar sozinho!

— É estranho, não? É egoísta, não? Mas, talvez, ela quisesse me proteger. Eu entendo que, no fundo, ela morria de medo de que as pessoas pudessem me ferir. Acredi-



tava realmente que só ela poderia me tratar direito e só ela poderia me fazer feliz. É uma loucura egoísta, eu sei. Mas era no que ela acreditava... Mesmo um cão (eu sempre quis tanto ter um cão)... Ela acabou me fazendo desistir. Se, por um lado, ela era a pessoa que mais me incentivava a captar o mundo, por outro, temia que o mundo pudesse chegar até mim. E foram anos assim. Anos em que as minhas tentativas de amizade resultavam em... pequenas conversas, encontros meio às escondidas. Eu não convidava mais ninguém para ir em casa e, quando queria sair com um grupo, por exemplo, para uma lanchonete depois da aula, era sempre inventando mil desculpas, mil histórias. E tinha de chegar em casa e afirmar para ela que eu não tinha me divertido, que não tinha encontrado ninguém legal, que ela, ela sim, era a minha melhor amiga...

— Sua mãe, a melhor amiga? Você achava isso mesmo, Miguel?

— Às vezes sim, Luciana. Às vezes realmente um passeio ou uma conversa era boboca, frustrante. Mas, mesmo quando era bom e eu me divertia, vivia uma vida dupla,

vamos dizer. E isso durou, essa dificuldade de sair da casca, até os vinte e um anos.

(Miguel umedece os lábios com a língua, suspira fundo.)

— Tinha terminado o colegial, fazia uns serviços de meio expediente com computação... resolvi fazer cursinho. Foi no cursinho que eu conheci a Tânia. Meu Deus, que mulher extraordinária! Nem por um instante ela me tratou de um jeito diferente. Lembro a primeira vez em que ela sentou do meu lado. Ela me ofereceu um cigarro. Eu falei que nunca tinha fumado. Ela riu, um riso aberto, tão sincero... Ela falou assim: "Eu ensino. A gente tem de experimentar de tudo na vida". E me acendeu o cigarro, segurou o cigarro na minha mão, falou como fazer. Tanta naturalidade!... A voz dela era adorável, divertida. Nisso se parece com você, Luciana. Uma voz meio infantil... tão alegre! O que eu adorava nela era a capacidade de falar da própria vida, das suas intimidades. Ela encarava a vida como um excitante jogo de descobertas, de emoções. O sexo. A dança. As festas. Ela tinha amigos, vivia passeando, conhecia todo mundo na classe. E olha que classe de cursinho é enorme, tem uns trezentos alunos. Nem preciso dizer que me apaixonei por ela, do jeito mais absoluto e total... Eu vou apagar o cigarro. Um minuto, Luciana.

(Miguel tateia procurando um cinzeiro. Esmaga a bituca, volta a pegar o fone.)

— Eu amei Tânia desde o primeiro momento. Mas tinha também muita clareza, Luciana. Em nenhum momento poderia imaginar um romance com ela, alguma idéia romântica de que ela ficasse comigo, casasse comigo. Eu jamais iria tão longe. Na verdade, já me bastava a idéia de que ela fosse minha amiga. Era uma sensação incrível supor que, entre tanta gente da classe, tantos rapazes com quem ela poderia sair, conversar, ela escolhesse a mim. Tânia sentava do meu lado todos os dias. Conversava sobre as aulas, fazia piadas sobre os professores, me ajudava a copiar a matéria. Eu adorava saber que era escolhido por ela. Tânia contava tudo da vida dela para mim. Ela namorava bastante, tinha suas paqueras. Às vezes uma ou outra durava mais tempo, eu sofria com a idéia de que ela namorasse firme alguém e se afastasse de mim. Mas também tinha consciência de que para a Tânia eu só poderia ser um amigo. Nada mais que isso.

(Miguel pára, suspira fundo. Passa a mão pela testa, parece cansado.)



— Foi assim em meio a uma conversa banal, quase final da aula. Nós falávamos de música, clássica e folclórica. Ela mencionou um compositor nordestino, o Elomar, que tinha formação clás-

sica e compunha usando temas nordestinos. De repente, o convite: eu não queria ir com ela ao *show*? No sábado? E depois, por que não um restaurante?... Luciana, nem podia acreditar no que estava ouvindo. Aquela moça incrível me convidando... a mim? Ela não tinha vergonha de sair com um... sair comigo? Bom, eu percebi que também precisava ficar à altura da coragem dela. Eu precisava merecer aquele convite. Era impossível esconder de mamãe a importância que Tânia estava ganhando nos meus sentimentos. Para sair com Tânia, teria de ser às claras. Ia ter de enfrentar minha mãe. Pela primeira vez eu encontrava alguma coisa, alguém, para me fazer enfrentar a vida. Enfrentar a vida significava enfrentar minha mãe...

(Pausa. Miguel morde os lábios, suspira.)

— Pois bem. Era a guerra? Que viesse. Eu falei para minha mãe que ia sair com uma garota. E que ela não ia impedir. Que eu queria o meu dinheiro para gastar com Tânia. E dei o golpe final quando disse que ia me mudar para o quarto dos fundos. Era o quarto de empregada, mas não tínhamos empregada. Estava vazio. E insisti: lá, no quarto, iria ser livre. Livre para receber quem eu quisesse, na hora em que eu quisesse. Ah, Luciana... que inferno! Mamãe tentou a sua velha tática de... destruir as bases do inimigo. Foi muito discreta, querendo saber mais sobre a moça. Se era de boa família, se sabia que nós não éramos ricos. Claro, porque ela só podia ser uma interesseira. Afinal, sair com um rapaz nas minhas condições...



Luciana, quando ela disse isso, “minhas condições”, eu fervei.

Quase agredi fisicamente minha mãe. Gritei, joguei muita mágoa em cima dela. Falei de solidão, de isolamento. De amor.

(Miguel ri. Um riso irônico.)

— De amor. E mamãe... sabia que eu precisava tanto de amor? Ela entendeu tudo como... sexo. Como ela disse: “necessidades físicas”. Bom, foi uma conversa terrível, deu em nada. Era uma decisão e resolvi levar a mudança adiante. Sozinho. Por dois dias eu fiz a mudança sozinho, do sobrado para o quarto de empregada. Porque, depois da briga, a tática de mamãe foi a de não me dar a menor ajuda. Não falava comigo, mudava pequenos objetos na casa só para me dificultar o trajeto. Não se propôs a mexer numa xícara. Achava que eu ia desistir. Foi bem difícil ajeitar o quarto, mas consegui. Levei meu rádio, os livros, o colchão, a cama. Quando passei na frente dela com a cama, ela ainda soltou seu veneno: “Será que essa moça não tem doenças?” Ah, como foi difícil manter a calma. Como foi difícil controlar a minha ansiedade e o ciúme de mamãe...

(Luciana muda o fone de ouvido, dobra as pernas, apóia o cotovelo no joelho.)

— No sábado, eu tomei banho mais cedo, me plantei na sala. Mamãe fez o que qualquer supermãe faria. Ficou do meu lado, aumentando minha ansiedade: “Fica perto do telefone. Daqui a pouco ela liga, desmarcando o compromisso”. (*Ele imita uma voz autoritária.*) Sabe, Luciana, eu também só pensava nisto: ela não vem. Por que vai sair comigo? Para quê? Ah, mas quando soou a buzina... quando reconheci a buzina do carro dela, eu... eu voei para fora. Sabia, ia ser uma noite muito, muito especial.

(*Miguel pega outro cigarro no maço, fica brincando com ele entre os dedos.*)

— O *show* foi incrível, extraordinário... O Elomar tem uma voz rouca, suas letras são fortes, muito originais. A Tânia parecia tão alegre... ela falava na minha orelha, ela se apoiava no meu braço. Éramos como... como um casal de namorados! No intervalo, ela chegou a encontrar uns amigos, me apresentou com naturalidade, continuou segurando no meu braço... E, depois do *show*, fomos ao restaurante, era comida chinesa. Eu nunca havia comido aquilo, a Tânia me ajudou a segurar os pauzinhos, colocava a comida na minha boca! (*Miguel está emocionado. Imita o gesto de segurar em pauzinhos invisíveis.*) Ah, eu soube. Naquele instante, no restaurante chinês, eu entendi como aquela noite ia terminar. Mas não fiquei com medo. Nem ansioso. Eu sabia, queria demais tudo o que a Tânia estava disposta a me oferecer.

(*Miguel pega devagar os fósforos, acende outro cigarro.*)

— Depois do restaurante, ela me levou até em casa. Parou o carro, ainda ficamos conversando ali dentro. Eu podia adivinhar que minha mãe ainda estava acordada; não tinha a menor vontade de entrar em casa. E aí... aí a Tânia pediu para ver o meu quarto. Ela sabia da minha mudança. Queria conhecer o meu “canto”. Para chegar lá não é preciso passar pelo sobrado, existe uma porta lateral. Então nós fomos. Abri a porta, ela achou bonito. Disse que ia me dar um pôster para decorar a parede. Um pôster, imagina! Como se eu pudesse... pudesse aproveitar a beleza de um pôster...

(Miguel ri, está comovido, respira fundo. Luciana afasta o fone do ouvido, gesto rápido. Fica olhando para o aparelho, respiração alterada. Encolhe-se o mais possível no chão, posição quase fetal. Volta a encostar o fone no ouvido.)

— Ela não falou mais. Só encostou a boca, bem suave, na minha. Eu coloquei Vivaldi (como agora eu quis dividir com você *As quatro estações*). E Tânia começou a ti-



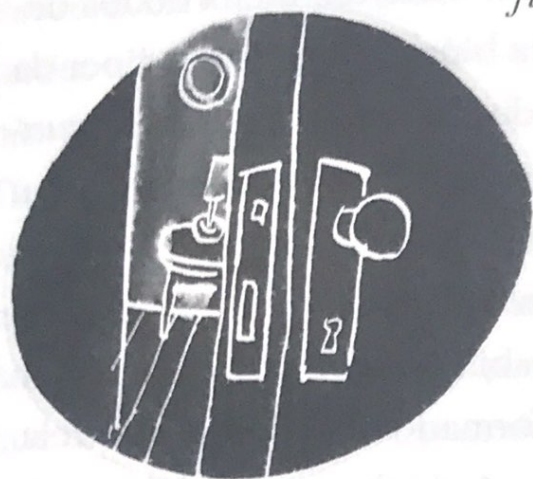
rar a minha roupa. Devagar, muito devagar, ela me despiu. Ela não estava com pena de mim ou querendo alguma coisa... não sei, suja. E podia sentir, pela ponta de meus dedos,

a sua carne macia, a sua pele muito suave. E, depois que eu fiquei nu, ela pegou minha mão, fez meus dedos desabotoarem lentamente a sua blusa, descerem o zíper da sua calça. Era uma espécie de dança. A dança d'*As quatro estações*, e minha Tânia só podia ser primavera, meu Deus! Primavera... e nós. Nós nos amamos. Do jeito mais puro, mais limpo e completo que poderia acontecer entre duas pessoas. Eu não sabia se chorava, eu... Se eu fosse um deus, teria transformado Tânia numa estrela, num Sol, uma fonte de luz. A minha especial fonte de luz... a minha mulher. A primeira mulher da minha vida, naquela noite especial... Luciana. Você entendeu... a importância de Tânia?

— Entendi. Entendi tudo.

(Luciana continua na posição fetal. Mãos contraídas no fone. Miguel suspira, espera mais algum comentário. Depois continua falando.)

— Bem... foi tão bom. E terminou. Terminou como era de se esperar. A Tânia era um passarinho, um bicho livre. Ainda se encontrou comigo algumas vezes. Mas logo ela foi prestar exames em muitas cidades. Só me disse adeus, me deu um beijo na boca e sumiu da minha vida. *(Pausa.)* Por mais que eu dissesse a mim mesmo que o final era esse mesmo... quase endoideci. Eu me tranquei no quarto, não queria sair nem queria tentar vestibulares. Aí, a ironia: mamãe até se ofereceu para telefonar para Tânia. Para convencê-la a ficar comigo, a me telefonar.



Ficou até engraçado... (*Miguel
funga, move o rosto para os
lados, respira num so-
pro.*) Luciana... o meu

segredo. O que eu fa-
lei para você, o mai-
or de todos, até esse
momento. Você en-
tendeu por que eu
pedi que você apagas-

se a vela? Ouvisse tudo isso no

escuro, no escuro total?

— Agora não tá escuro. Não escuro total.

— Como assim?...

— A luz, Miguilim. A luz voltou.

— Voltou?... Quando?

— Já tem um tempinho. Aqui no quarto eu não liguei
a luz, mas no corredor tá acesa.

— E por que você não falou?... Era tão importante
para você a luz... a sua novela, a tevê...

— Eu não ia atrapalhar a história. Ainda mais... ainda
mais quando eu descobri.

(*Pausa.*)

— Desde quando você sabe? Sobre mim?

— Só agora. Nessa história da Tânia. Mas antes... você
falou, falou da tevê... Eu disse tanta bobagem!

— Eu sou cego, Luciana.

(Luciana anda nervosamente pelo quarto. Vai até o limite do fio telefônico, volta à parede oposta. Morde os lábios, aperta o fone e o aparelho com força. Miguel está sentado numa escrivaninha, livros em braile estão espalhados à sua frente.)

— Como eu sou boba, boba! Por que não descobri? Como é que você podia ler no escuro? E ler tão depressa...

— É, ler...

(Miguel tateia sobre a escrivaninha. Uma luz está acesa sobre seus papéis, mas ele "lê" o título Obra completa de Álvares de Azevedo pelo tato.)

— Eu e a roleta-russa. O número no escuro.

(Luciana acelera os passos. Aperta e desaperta o fone, mão suada.)

— A sua roleta-russa. O acaso, não é?

— Que vergonha!...

— Luciana, e agora?... E agora que você sabe? O que vai fazer? Hem, Luciana?

(Luciana pára no meio do quarto, ainda em penumbra, iluminado apenas pela luz do corredor. Ergue a cabeça, sente uma leve tontura, segura o aparelho no ar. Devagar, pouisa o fone no aparelho.)

— Luciana?... O quê?...

(Miguel olha para o fone, como se pudesse vê-lo, como se não conseguisse acreditar que está ouvindo o som de aparelho desligado.)

— Luciana! *(Ele grita.)* Por que você fez isso, Luciana? Por quê? Por que você tentou essa... essa brincadeira se não queria? Por quê?

(Miguel bate o fone com força no aparelho. Passa os dedos pelo cabelo. Tira os óculos escuros. Joga os óculos no chão, espalha as folhas em braile pela mesa. Respira fundo, acaba escondendo o rosto entre os braços. Absolutamente largado e derrotado. O telefone toca. Uma, duas vezes. Miguel ergue o rosto. Devagar, põe a mão sobre o fone, sente o tremular da campainha do telefone. Deixa tocar mais três vezes. Finalmente, tira o fone e o leva ao ouvido.)

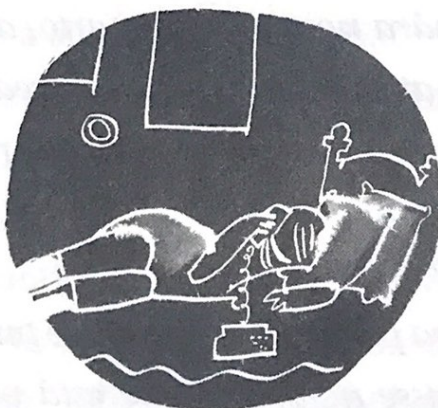
— Alô?

— Você quer ser meu amigo?

— Eu pensei. Pensei que você...

(Miguel sente as lágrimas descendo devagar pelo rosto, umedecendo o aparelho e os dedos.)

— Seu telefone tem números bonitos. Que me dão sorte. Você quer ser meu amigo? Para sempre?



AUTORA E OBRA



Oi! Tudo bem? Eu sou a Marcia. Nas-
ci em São Paulo, em 1957. Estudei Letras
(do jeito que eu gosto de ler, só podia ter feito esse tipo de curso,
né?). Lecionei por muitos anos, casei, tive filhos... (o Igor nasceu
em 1980 e a Carla, dez anos depois). Essas são as informações
assim, objetivas, sobre minha pessoa. Mas sei que sou muito mais
do que isso, quando me ponho a escrever minhas histórias. Por-
que, aí, posso ser rainha e demônio, posso falar de amizade e
ódio, posso criar personagens que vivem uma grande amizade
ou que se destroem... Deixo o mundo do dia-a-dia e passo a viver
fantasias e a apresentar essas fantasias para as outras pessoas.

Sabe, eu acho que na vida devemos encarar os desafios. A
pior coisa é o conformismo, aquela atitude do tipo "Ah, não vale
a pena... no Brasil tudo termina em samba... ninguém se preocu-
pa...". Acho que é por atitudes assim que as coisas acabam fi-
cando piores na nossa terra.

Se na vida de todo mundo é importante a inovação, a cora-
gem de sair do comodismo, o arriscar-se para viver com mais
emoção, acho que essas características são ainda mais importan-
tes para os profissionais que lidam com a palavra. Nós, escrito-
res, temos a obrigação de tentar. Tentar novos caminhos, novos

jeitos de contar histórias, retratar personagens que estão aí, presenças fortes no dia-a-dia das pessoas...

O meu livro de estréia tinha a intenção de ser diferente. Em 1986, eram incomuns os livros-diários; foi *Crescer é perigoso* que inaugurou esse tipo de obra para o público juvenil. O livro foi um sucesso (ganhou em 1988 o Prêmio Revelação Mercedes-Benz de Literatura Juvenil), mas não pensei em ficar repetindo uma fórmula. Parti para outras coisas, como em *Revolução em mim*, um livro que se passa no ano das Diretas-Já (1984) e foi quase uma reportagem, de tanto que eu pesquisei... ou em *A maldição do silêncio*, um romance sobre a amizade paranormal e diferente...

Em *Um amigo no escuro*, tinha também de tentar uma novidade: fiz um livro-diálogo, uma longa conversa de dois personagens que parecem tão diferentes, mas têm em comum a necessidade de abrir o coração e procurar amigos.

É nesse "abrir o coração" que acredito estar a grande força da literatura. Felizes aqueles que descobriram, nas páginas dos livros, as respostas para suas próprias vidas. Não de um jeito automático, "Li isso e mudei". Mas descobrindo como é bom conhecer pessoas que possam vir a ser amigas... viajar por outros mundos, ver nossos sentimentos mais escondidos, assim colocados no papel. Se nós, escritores, somos o instrumento para essa comunhão, temos de agradecer a isso. E torcer para que, sempre, possamos dividir com vocês esses mundos que arrancamos da imaginação.

Marcia Kupstas





MARCIA KUPSTAS

UM AMIGO NO ESCURO

*Durante um blecaute, uma adolescente
disca um número ao acaso. Do outro
lado, um jovem atende...*

Um defeito na rede elétrica deixa
o bairro sem luz. Nada de movimento,
televisão, rock pesado no aparelho
de som, nada para se distrair.

E Luciana se vê triste e solitária.
Só uma coisa funciona: o telefone.
Quem sabe fazendo a roleta-russa,
ligando um número qualquer, ela
encontre alguém com quem possa
conversar e até trocar confidências.

 **Moderna**

ISBN 85-16-03535-2



UM AMIGO
CLASSIFI